



A formação do psicanalista: (des)enlaces no nosso tempo

[Orgs.]

Everton Michel Soccol | José Isaías Venera

Leidiane Goulart | Maurício Maliska

casoAberta
editora

A formação do psicanalista:
(des)enlaces no nosso tempo

Instituições que compõem o
Enlace Freudiano: Trabalho e Transmissão

Aghora Psicanalítica — Estudos e Transmissão (Torres-RS).

Associação Movimento Psicanalítico Sul Catarinense
(Tubarão-SC)

Percurso Psicanalítico — Criciúma/Brasil

Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem
da Universidade do Sul de Santa Catarina — Unisul
(Tubarão-SC e Palhoça-SC)



A formação do psicanalista: (des)enlaces no nosso tempo

[Orgs.]

Everton Michel Soccol

José Isaías Venera

Leidiane Goulart

Maurício Maliska

casaa**Ab**erta
editora



Editores Casa Aberta
Ivana Bittencourt dos Santos Severino
José Roberto Severino

Rua Lauro Müller, n. 83, centro | Itajaí | CEP: 88301.400
Fone/Fax: (47) 30455815

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A Formação do psicanalista : (des)enlaces no
nosso tempo / [orgs.] Everton Michel
Soccol...[et al.]. -- Joinville, SC :
Casa Aberta Editora e Livraria, 2024.

Vários autores.
Outros organizadores: José Isaias Venera,
Leidiane Goulart, Mauricio Maliska.
Bibliografia.
ISBN 978-65-980767-1-9

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 - Crítica e
interpretação 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 -
Psicologia 3. Psicanálise I. Soccol, Everton
Michel. II. Venera, José Isaias. III. Goulart,
Leidiane. IV. Maliska, Mauricio.

24-213617

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Conselho Editorial

Dr. André Luis Ramos Soares (UFSM)
Dr. Antônio Emilio Morga (UFAM)
Dra. Casimira Grandi (UnTn - Universidade de Trento)
Dra. Clara Dornelles (UniPampa)
Dr. José Bento Rosa da Silva (UFPE)
Dr. José Roberto Severino (UFBA)
Dr. Lourival Andrade Jr. (UFRN)
Dr. Pedro de Souza (UFSC)
Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera (Univille)
Dr. José Isaias Venera (Univali/Univille)

Revisão: Juliana Sant'Ana

Projeto Gráfico e Diagramação: José Isaias Venera

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
LACAN E A ESTRUTURA DA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA <i>Marco Antonio Coutinho Jorge</i>	15
POR NOSSA POSIÇÃO DE ANALISTA, SEMPRE SOMOS RESPONSÁVEIS <i>Maurício Eugênio Maliska</i>	49
PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL <i>Adriana de Oliveira Limas Cardozo</i>	57
UM PSICANALISTA EM FORMAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA (CON)FORMAÇÃO NA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA <i>Maria Cristina Carpes</i>	63
DA LÍNGUA UNIVERSAL À GLOSSOLALIA: A VOZ AUTORAL DO PSICANALISTA <i>Davide Chareun</i> <i>Everton Michel Soccol</i>	71

TORNA-SE PSICANALISTA? 83

Laiana Cardoso

Nathalia do Nascimento Clemencia

A FORMAÇÃO E A ÉTICA DO ANALISTA: 89
(IM)POSSIBILIDADES EM FREUD E LACAN

Vitória de Oliveira de Souza

Caroline Castagnetti Felizardo

(De) Formação 97

Ana Paula Mazzuco



APRESENTAÇÃO

Maurício Eugênio Maliska

Este livro é fruto do *Enlace Freudiano: trabalho e transmissão*, mais especificamente do *IV Encontro do Enlace Freudiano*, intitulado *A formação do psicanalista: (des)enlaces no nosso tempo*, que foi realizado no dia 6 de agosto de 2022, de forma online, com a presença das instituições convocantes desse movimento, dos colegas pertencentes a essas instituições e, principalmente, do psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge, que na ocasião fez a conferência de abertura.

O *Enlace Freudiano: trabalho e transmissão* é um espaço que reúne algumas instituições, psicanalíticas e universitárias, do sul de Santa Catarina e norte do Rio Grande do Sul em torno de uma temática psicanalítica que é trabalhada durante o ano. Esse trabalho preparatório, que ocorre por meio de grupos de estudos, seminários e grupos de discussão, se desenvolve de modo singular no interior de cada instituição que compõe o *Enlace*. Após um tempo de discussão e elaboração, os estudos ganham forma textual e desembocam em uma jornada anual em que os trabalhos são apresentados para o público e um psicanalista é convidado a fazer uma conferência sobre o tema e participar das apresentações dos trabalhos, contribuindo com perguntas e comentários.



Participam do *Enlace* com discussões sobre o tema, apresentações de trabalho e sustentação desse encontro, as seguintes instituições: Associação Movimento Psicanalítico Sul Catarinense (Tubarão-SC); Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina — Unisul, que tem campus na grande Florianópolis e na cidade de Tubarão; Percurso Psicanalítico — Criciúma/Brasil; e Aghora Psicanalítica — estudos e transmissão (Torres-RS).

O *Enlace* surgiu no ano de 2019 por uma ideia e iniciativa da psicanalista Maria Cristina Carpes, que logo encontrou eco e apoio em Débora Burigo, assim como entre os demais membros do Percurso Psicanalítico — Criciúma/Brasil, e assim, em breve, a ideia foi ganhando a adesão de outros psicanalistas e instituições. O projeto inicial tratava de discussões em torno de textos freudianos; com o passar de algumas edições, isso tomou alguma variação, ficando as discussões em torno de textos e/ou temas freudianos.

O primeiro encontro do *Enlace* ocorreu de modo presencial no ano de 2019 em Criciúma, em que o texto/tema discutido foi *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana: dos esquecimentos às superstições. O que isso fala de nós mesmos?* Conferencista convidado: Leonardo Adalberto Francischelli. No ano de 2020, já sob o efeito da pandemia da Covid-19, o evento aconteceu na modalidade online, comemorando os 100 anos do *Além do Princípio de Prazer*. A psicanalista Sueli Souza dos Santos fez a conferência de abertura. Em 2021, discutimos o texto *Inibição, Sintoma, Angústia*, com a conferência de Denise Hausen.



Em 2022, no quarto ano de funcionamento do *Enlace*, o grupo se propõe a estudar a formação do analista. A proposta surgiu a partir da importância em discutirmos esse tema, que, por um lado, sempre é atual; mas nos últimos anos, mais do que atual, se tornou urgente, pois vimos surgir cursos de graduação em Psicanálise, cursos rápidos, sem embasamento na teoria e na técnica psicanalítica, que não seguem nem de longe os fundamentos freudianos, nem mesmo os aportes dos psicanalistas que sucederam a Freud e que deram continuidade ao seu legado. Frente a esse cenário em que grupos e instituições escusas tentam se apoderar da psicanálise, e nesse ponto entram inclusive evangélicos com uma suposta psicanálise, faz-se necessário retornar ao debate em torno da Formação do Analista, que não é especificamente a formação psicanalítica, mas a formação do analista, uma vez que se trata, a rigor, nas palavras de Lacan, das formações do inconsciente.

O que pretendemos é fazer avançar esse debate, desde a pura pluma da pena de Freud até o cotidiano de nossa prática clínica, incluindo aí os avatares da escuta, as variantes de um tratamento padrão, sob a pena de renunciar ao exercício da psicanálise aquele que não conseguir alcançar a subjetividade de sua época, como bem enunciou Lacan. É sob esses e outros aspectos que esse movimento se enlaça em torno de instituições e analistas que desejam trabalhar a formação do analista.

É com esse espírito que os textos aqui reunidos abordam a problemática da formação do analista. O primeiro texto desta coletânea, intitulado *Lacan e a estrutura da formação psicanalítica*, foi escrito por Marco Antonio Coutinho Jorge, alguém que verdadeiramente dispensa apresentações,



porque se trata de um dos psicanalistas mais conhecidos e reconhecidos do Brasil pela sua trajetória clínica como psiquiatra e psicanalista, por seu protagonismo no movimento psicanalítico nacional e internacional, por sua atuação institucional, uma vez que é membro e diretor do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, por seus trabalhos na forma de livros, capítulos de livros e artigos conhecidos dos leitores de psicanálise, assim como por sua atuação também na esfera acadêmica como professor do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ. O texto de Marco Antônio trata de investigar os diversos elementos que compõe, o tripé da formação psicanalítica, conduzindo ao repensar a transmissão em psicanálise, e o quanto Lacan veio redimensionar a problemática da formação psicanalítica. A perspectiva do autor é mostrar que Lacan não rompeu com a estrutura clássica da formação psicanalítica, mas introduziu em cada um dos elementos do tripé questionamentos radicais que fizeram o avanço dessa formação tradicional. O texto ainda aponta para como nas instituições da IPA o rigor da psicanálise foi reduzido a uma rigidez e Lacan recupera esse rigor sem rigidez. Em resumo, o texto faz um percurso em Freud e Lacan, analisando cada elemento do tripé da formação e também articulando esses elementos com outros conceitos como *Das ding*, objeto *a*, passe e, principalmente, a travessia da fantasia.

O texto de Maurício Eugênio Maliska intitulado *Por nossa posição de analista, sempre somos responsáveis* é uma paráfrase da conhecida citação de Lacan em *A ciência e a verdade*, “por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis”. A partir desse enunciado, o autor discute a



responsabilidade do analista pela sua posição e formação, tendo como guia orientador uma pergunta: do que seria o analista responsável? Como forma de problematizar essa questão surgem outros questionamentos: o analista seria responsável pelas análises que conduz? Seria ele responsável pela sua própria análise? Seria o analista responsável pelo ensino e a análise de controle? Seria o analista responsável pela sua instituição e pelos destinos do movimento psicanalítico? Em cada uma dessas perguntas, Maliska discorre sobre as responsabilidades do analista de maneira a instigar o próprio fazer analítico.

No texto *Psicanálise na Universidade: uma articulação possível*, Adriana de Oliveira Limas Cardozo estabelece uma articulação possível entre a psicanálise como teoria clínica e a universidade. Para tanto, a autora estabeleceu recortes de textos freudianos e lacanianos sobre a inserção desses dois campos discursivos, que se aproximam ao tomar a transmissão como uma política permanente desses dois lugares, mas se distanciam enquanto proposta de incursão no social.

Maria Cristina Carpes, no texto *Um psicanalista em formação: algumas reflexões acerca da (com)formação na formação psicanalítica*, tem como proposta tecer algumas reflexões sobre a formação de um psicanalista, no tocante às formas de transmissão dos ensinamentos de Freud e Lacan nos espaços psicanalíticos nos tempos atuais. O estudo se pauta em três eixos: O Discurso Fundador — DF, um dispositivo de análise da Análise de Discurso; a violência da Linguagem, na articulação proposta por Lacan em sua interpretação do real da linguagem e, por fim, o texto freudiano



A *Questão da Análise Leiga*, um dos trabalhos propositivos do Enlace desta edição.

Da língua universal à glossolalia: a voz autoral do psicanalista, texto proposto por Davide Chareun e Everton Michel Soccol, pretende compreender a formação do psicanalista na atualidade, trazendo reflexões a respeito das tentativas de regulamentação da psicanálise. Para tanto, propõe-se a levar em conta o fenômeno da glossolalia em sua dimensão de manifestação singular da voz. Isso porque esse estudo questiona a proposta de universalização da formação do analista, uma vez que ela não se sustenta como diplomas acadêmicos e padronizações oficiais.

Laiana Cardoso e Nathalia do Nascimento Clemencia desejaram no ensaio *Torna-se psicanalista?* fazer uma reflexão acerca da formação psicanalítica nos dias atuais. A formação do analista, desde Freud, é assentada na análise pessoal, na teoria e na supervisão. São feitas tentativas de propor modelos obrigatórios e características indispensáveis para formar um analista, e essa reflexão traz à tona um resgate teórico com o intuito de discutir: quando se torna psicanalista?

Vitória de Oliveira de Souza e Caroline Castagnetti Felizardo, no texto *A formação e a ética do analista: (im)possibilidades em Freud e Lacan*, apontam formulações que têm como objetivo proliferar um debate sobre a formação do psicanalista. Como escolha teórica foi estabelecido um diálogo entre Freud e Lacan. Nessa amarração apresentada, as autoras caminham por quatro pontos, que começam no fio proposto no texto *A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial* (1926), passando pela formação teórica, em seguida, um diálogo sobre o saber



dos psicanalistas e, por fim, a questão do desejo, mostrando que existem caminhos delimitados e passos a serem seguidos no percurso de formação do analista.

Para fechar esta coletânea de textos em torno do Enlace Freudiano, Ana Paula Mazzuco apresenta o poema *(De)formação*, que traça um pouco de nosso percurso na formação psicanalítica mas também nesse movimento que nos enlaça, e que agora compartilhamos com o público leitor neste recolhido de textos. Esperamos que tenham uma instigante leitura!



LACAN E A ESTRUTURA DA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA*

Marco Antonio Coutinho Jorge

“Há um real em jogo na própria
formação do psicanalista.”

Jacques Lacan

Classicamente, a concepção da formação do psicanalista é apoiada no tripé constituído pela *análise pessoal*, pelo *estudo da teoria psicanalítica* e pela *supervisão da clínica* do analista em formação. Tal concepção foi enunciada com precisão por Freud (1980c [1919]) em seu artigo “Deve-se ensinar a psicanálise na universidade?”, no qual ele situa a formação psicanalítica no âmbito estrito das sociedades psicanalíticas, tanto no que diz respeito à formação teórica, quanto no que diz respeito à formação prática. Quanto à primeira, Freud observa que o que o psicanalista necessita em matéria de teoria pode ser obtido na literatura especializada, nos encontros científicos de psicanálise e no contacto com os analistas mais experientes. Quanto à segunda, ele a obtém em sua própria análise e nas análises que conduz “sob a supervisão e a orientação dos psicanalistas mais reconhecidos” (FREUD, 1980c [1919], p. 169).

Minha proposta, aqui, é investigar o modo pelo qual os diferentes elementos desse tripé estão articulados, de



modo a se repensar, de modo talvez novo, a questão tão abrangente quanto fundamental da *transmissão* da psicanálise. Para fazê-lo, é necessário recorrer ao modo pelo qual entendemos que Jacques Lacan veio a redimensionar, passo a passo e profundamente, a problemática da formação do psicanalista.

Nossa perspectiva será a de demonstrar que Lacan não rompeu de modo algum com a tradição clássica no que diz respeito à formação do psicanalista — o que se poderia concluir numa abordagem superficial do problema —, mas sim introduziu em cada um de seus aspectos elementos de questionamento radical dessa mesma tradição. Considerando que a renovação da concepção da formação do psicanalista empreendida por Lacan é uma consequência direta das contribuições de seu ensino a inúmeros pontos da experiência psicanalítica (JORGE, 2006, p. 195-202), pergunto-me, mais essencialmente, se esse tripé clássico não constitui uma estrutura particular que pode ser compreendida a partir de seu ensino e das incidências que este teve sobre a formação do psicanalista.

Embora tenha criticado a própria noção de formação do psicanalista e afirmado, chistosamente, que jamais falara dela, mas sim de *formações do inconsciente* (apontando, assim, para a singularidade da análise que está na base de toda formação analítica), por outro lado, Lacan insistiu muitas vezes ao longo do seminário sobre o fato de que seu ensino visava precisamente produzir *efeitos de formação*. Ao falar em *efeitos de formação* no lugar de *formação do psicanalista*, Lacan situou a formação psicanalítica como algo a ser refeito continuamente, como uma



formação cuja característica principal talvez seja a de ser *pontual e inacabada*.

Formação do psicanalista → Efeitos de formação → Formação permanente

Nesse sentido, depois de Lacan foi se impondo cada vez mais aos psicanalistas a noção de *formação permanente* — intrinsecamente ligada à idéia de *efeitos de formação* —, cujo aspecto pontual e parcial está sempre exigindo do psicanalista que ela seja continuamente renovada. Assim como a prática psicanalítica é, para Lacan, puntiforme (LACAN, 1976, p. 21), a formação do analista opera igualmente de modo pontual.

Do rigor à rigidez

Talvez pudéssemos resumir todas as inúmeras críticas feitas por Lacan às concepções vigentes em sua época sobre a formação por meio daquilo que parece ser o denominador comum a todas elas: a *degradação do rigor em rigidez*. De cunho universitário e de estilo burocrático, a formação oferecida pelas sociedades da IPA em seus institutos revela a substituição do *rigor* que deveria ser aí exigido por uma grande *rigidez*. Esse modo de funcionamento defensivo, modelado pelo princípio de prazer, é muito frequente nas mais diferentes atividades humanas e mostra quanto os rituais escamoteiam as dificuldades: quando reagimos a algo de forma rígida, poupamo-nos da elaboração, às vezes penosa, que seria preciso fazer, e à qual o afeto da angústia



nos obriga, mas perdemos as possibilidades de conquista inerentes a ela.

Freud já havia chamado a atenção para a necessidade desse rigor e comentara numa *Conferência introdutória* sobre os sonhos que “em geral, o ensino se dá ao trabalho de se notabilizar pelo fato de encobrir, de quem aprende, essas dificuldades e imperfeições. Com a psicanálise, porém, isso não vai acontecer [...]” (FREUD, 1980 [1916-1917], p. 127). Nessa mesma direção, Lacan ponderou que o ensino da psicanálise não poderia de modo algum ser o ensino de um saber pré-digerido. Na *Proposição de 9 de outubro de 1967*, Lacan indicou igualmente a necessidade desse rigor ao mencionar o “real em jogo na formação mesma do psicanalista” (LACAN, 2001, p. 244), real sobre o qual precisamente as sociedades existentes se fundam para aplacá-lo.

Se Lacan recusou com veemência desde 1956 o sistema de formação em vigor na IPA, em seu incrivelmente sarcástico artigo “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956” (LACAN, 1998b, p. 461-95), isso se deveu à burocratização dessa formação que, reduzida ao nível de uma formação universitária, perdeu o rigor “de alguma forma ético” (LACAN, 1998c, p. 326) que lhe deveria ser inerente: nessa *degradação do rigor em rigidez*, o discurso psicanalítico foi deslocado pelo discurso universitário, isto é, o agenciamento do real em jogo no discurso psicanalítico foi substituído pelo agenciamento do saber no discurso universitário: $a \rightarrow S_2$.



A questão de Lacan

Em seu escrito “A psicanálise e seu ensino”, Lacan formula a seguinte questão, verdadeiramente essencial no tocante à problemática da transmissão da psicanálise: “O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?” (LACAN, 1998a, p. 440). Tal questão, ao ser colocada desse modo, desdobra o ensino da psicanálise em *duas dimensões* diferentes; em primeiro lugar, nota-se que há uma afirmação embutida nessa questão, a de que *há* um ensino que se passa no próprio âmbito da experiência psicanalítica, um dos fatores que levariam Lacan a afirmar, opondo-se à falsa divisão da experiência psicanalítica entre análise *didática* e análise *terapêutica*, que “toda análise é didática”. Sendo que só *depois* ela pode se revelar como tendo sido didática, jamais antecipadamente.

Além disso, tal questão posta por Lacan faz eco a uma das formulações mais pungentes feitas por Freud sobre a experiência psicanalítica: “Pois o paciente não mais esquece o que vivenciou dentro das formas da transferência e tem para ele uma força de convencimento maior do que tudo o que é adquirido de outra maneira” (FREUD, 1980d [1938], p. 177). A experiência psicanalítica apresenta uma dimensão de aprendizado do sujeito em relação àquilo que, do inconsciente, se atualiza na transferência (LACAN, 1979, p. 139). Somando-se a isso, a questão colocada por Lacan dessa forma que destaca duas dimensões do ensino privilegia nitidamente o ensino que é produzido no contexto específico da experiência analítica (psicanálise em *intensão*) e indaga se, desse ensino, pode-se obter alguma continuidade no



contexto, igualmente específico, do ensino teórico (psicanálise em *extensão*). Veremos adiante que esse modo de colocar a questão já contém, em si mesmo, toda uma forma particular de encaminhar a discussão sobre a problemática da transmissão da psicanálise e traz em seu bojo, implícita, a formulação de Lacan sobre a *transferência de trabalho* que deve se ligar ao *trabalho de transferência*.

[extensão]

[intensão]

“Como ensinar aquilo que a psicanálise nos ensina?” (LACAN)

“O paciente não mais esquece
o que vivenciou na transferência” (FREUD)

Levando-se em conta determinados fatos históricos, podemos examinar melhor porque os psicanalistas, desde os primórdios da psicanálise, tiveram grandes dificuldades para lidar com os problemas inerentes à formação do psicanalista e tenham, a partir daí, transformado o que seria uma exigência de rigor, necessariamente relacionado à inventividade de cada analista, num protocolo formal extremamente rígido. Um desses fatos históricos foi o câncer de Freud.

Do desejo à obrigação

Descoberto no verão de 1923, o câncer de Freud causou pânico entre os psicanalistas e levou o grupo de Berlim a conseguir impor suas diretrizes que visavam “estabelecer



a todo custo uma barreira contra a heterodoxia” (SAFOUAN, 1985, p. 20). Moustapha Safouan salienta que os berlinenses adotaram uma “seleção rígida” dos candidatos e, além disso, “transformaram em obrigação o que era do domínio da escolha”. É preciso observar que, diante do diagnóstico de câncer de Freud, e, mais do que isso, do péssimo prognóstico dado pelos médicos — e partilhado pelo próprio Freud —, que acreditavam que ele viveria apenas mais alguns meses, os psicanalistas sentiram-se forçados a correr contra o tempo para estabelecer um protocolo da formação psicanalítica *com Herr Professor*¹ ainda vivo, de modo que esse protocolo recebesse toda a legitimidade conferida por sua autoridade. Caso contrário, como defender a real legitimidade de qualquer protocolo de formação após sua morte?

Os psicanalistas percebiam que, caso Freud morresse antes de conseguirem construir um quadro definido da formação psicanalítica, os problemas que adviriam seriam enormes. Eles percebiam a gravidade e a complexidade inerentes à sua formação e, de algum modo, sentiam-se perdidos diante da iminência do desamparo que a morte de Freud ocasionaria. Ninguém poderia saber que Freud viveria ainda quinze anos muito produtivos! O mais espantoso ainda é que o protocolo da formação psicanalítica, estabelecido pelos berlinenses nessa situação altamente disruptiva, produzida pela suposta iminência da morte de Freud, seria adotado a partir de então sem qualquer alteração até hoje!

¹ Essa era a maneira como os discípulos do círculo que cercava Freud o chamavam, o que evidencia o lugar de mestre que ele ocupava.



Em 1948, Michael Balint escreveu um artigo sobre a formação psicanalítica, intitulado “On the psychoanalytic training system”, no qual destacava dois sintomas bastante evidentes: por um lado, a ausência de uma produção escrita por parte dos didatas (desde 1925, quando Eitingon criou o Comitê Internacional de Formação, até 1947, a formação nunca veio a constituir o objeto de uma investigação); por outro, uma atitude dogmática deles mesmos, por exemplo, quanto à decisão de o analista supervisor dever ser outro que não o analista do candidato, e igualmente quanto à duração da análise — quatro anos —, “quando estava claro”, como observa Safouan (1985, p. 22), “que ninguém poderia dizer de antemão quanto tempo levaria uma análise e seria até um erro analítico elementar se prestar a esse tipo de previsão”.

Tais fatos levam à conclusão, feita por Safouan (1985, p. 23), de que a ignorância, “por falta de ser confessa, faz-se passar por um saber esotérico [e] encontra sua compensação no dogmatismo”. Além disso, o dogmatismo apela para uma estrutura autoritária, cujo benefício é precisamente o de proteger a ignorância. Em outro artigo sobre o término da análise, Balint mostra igualmente a resistência dos didatas a qualquer tentativa de esclarecimento da análise didática. Ainda que os institutos de formação considerassem o prazo de duração da análise como sendo de quatro anos, diz Safouan que este é o “fim da fase oficial de formação”, a análise prosseguindo por um tempo muito mais longo do que esse. Tais análises pós-didáticas eram, contudo, mantidas envoltas em absoluto segredo.

Vê-se, então, que a falta de teoria da didática é um ponto central, em torno do qual se construíram “arranjos



cuja única função é fazer semblante” (SAFOUAN, 1985, p. 24), isto é, a falta de rigor para abordar a questão da didática e do fim da análise produziu uma grande rigidez defensiva. O papel desempenhado por Lacan quanto a isso não podia ser mais importante, pois com a “Proposição de 9 de outubro de 1967”, ele colocou no epicentro da Escola Freudiana de Paris justamente aquilo que os psicanalistas recalavam há décadas: o problema do fim da análise e sua relação com o advento do psicanalista.

A estrutura da formação

A estrutura da formação construída em torno do tripé clássico *análise-ensino teórico-supervisão* não esteve desde sempre constituída desse modo, mas foi se erigindo gradativamente a partir da própria experiência dos primeiros psicanalistas envolvidos com a questão da formação psicanalítica, como Hans Sachs. Seu exemplo nos mostra como é preciso poder manter um grau de liberdade para “instituir apenas no funcionamento”, tal como Lacan sugere na abertura da *Proposição*.

Convidado a ir de Viena para Berlim a fim de realizar análises “didáticas” num grupo no qual as pessoas se conheciam e não podiam se analisar entre si, e contando com a aprovação de *Herr Professor*, Sachs tornou-se o primeiro analista “didata” e, aparentemente, o primeiro psicanalista a estabelecer uma distinção entre *análise pessoal e supervisão clínica*. Com esse episódio, além de podermos depreender o relevante fato de que a supervisão surge em total concomitância com a idéia de análise



de formação, o modo pelo qual isto se deu é bastante instrutivo.

O que ocorreu foi que Sachs passou a se sentir muito confuso na condução dessas análises de formação quando seus analisandos começaram a falar igualmente dos casos clínicos que começavam a atender. Freud, por sua vez, tinha o hábito de mesclar a análise pessoal de analistas com o ensino teórico e mantinha uma grande independência de suas análises em relação às “autoridades” (como ele mesmo denominava ironicamente as instâncias deliberativas dos institutos de formação) com suas regras administrativas e manejos políticos (SAFOUAN, 1985, p. 16). Cabe ressaltar que, no caso do criador da psicanálise, o lugar de *sujeito suposto saber* se superpunha com muita facilidade, e até uma certa naturalidade, com a função de ensino própria ao *sujeito que sabe*, e coube aos outros analistas produzirem a separação das duas posições. Sachs foi suficientemente honesto para perceber com clareza que ele não podia fazer tal como Freud fazia, *ele não era Herr Professor*, e, portanto, não podia permitir-se toda a liberdade na condução das análises. Foi assim que Sachs criou com esses analistas em formação um dispositivo reservado exclusivamente para eles falarem sobre seus casos clínicos, surgindo, assim, pela primeira vez na história da formação dos analistas o espaço específico da *supervisão clínica*.

Freud foi às vezes criticado por agir com essa liberdade com seus analisandos. O historiador Paul Roazen, por exemplo, empenhou, em entrevistar alguns pacientes de Freud para constituir um dossiê no qual ficaria evidenciado, para ele, que Freud *dizia* uma coisa em seus escritos e *fazia* outra na sua



prática clínica (ROAZEN, 1999). Nessa empreitada que serve somente para tentar desqualificar a legitimidade das colocações freudianas sobre a técnica psicanalítica, Roazen se esqueceu apenas de levar em consideração o fato de que Freud não era *de fato* um psicanalista como os outros, *ele fundou* a psicanálise e, sendo assim, os sujeitos que iam falar com Freud tinham diante de si alguém que era o próprio criador do saber psicanalítico. E Freud não podia simplesmente *fingir que ele não era quem ele era*, no seu caso a *suposição de saber* que lhe era dirigida se confundia completamente com o *saber* que ele, de fato, havia criado. Freud era um mestre, e certamente fazia parte de suas conduções de análise o não recusar isso que estava em jogo na própria relação transferencial com seus analisandos. Muito diferente era, contudo, a posição de Sachs ou de qualquer outro nesse sentido, o que mostra que Sachs foi igualmente honesto ao seguir a necessidade que se impôs a ele de *separar* a análise da supervisão.² Foi apenas com o surgimento da supervisão que se completou o chamado tripé da formação. Pode-se até dizer que foi com ela que surgiu a própria idéia de *formação* no sentido pleno do termo.

Tomemos agora brevemente cada um dos elementos desse tripé para apreender a lógica interna da estrutura da formação. Mas adiantemos que um de seus ensinamentos mais triviais e congruentes com a experiência clínica é o fato de que não é raro ver, de uma experiência psicanalítica que conduzimos, nascer um psicanalista num determinado

² Semelhante problema ocorreu com a utilização do tempo lógico na prática clínica por alguns analistas seguidores de Lacan, que se esqueceram do importante fato de que eles não eram Lacan (JORGE, 2022, p. 213-54).



sujeito que *jamais* estudou a teoria psicanalítica. Outro ensinamento é o contrário desse: jamais vemos nascer um psicanalista por meio do mero estudo da teoria psicanalítica.

A análise e o enigma de seu fim

É da análise pessoal que um psicanalista retira sua referência mais fundamental para sua própria experiência clínica — *todas as escolas são unânimes em considerá-lo*. Muito rapidamente, Freud abandonou a idéia de “auto-análise” sobre a qual falou algum tempo (PORGE, 1998), e fez da análise pessoal o modelo de toda e qualquer formação, o que pode ser traduzido, com Lacan, na idéia de que *o saber articulado à verdade* produz “efeitos de formação”. É a análise pessoal e o percurso analítico na transferência que permite ao sujeito o acesso ao saber inconsciente. Lembre-se, aqui, que uma das maiores contribuições de Lacan foi a evidenciação de que *o inconsciente é um saber*, um saber muito particular, posto que associado intimamente à verdade — um *saber verdadeiro* —, que vem tentar preencher a falta de saber instintual que acometeu a espécie humana (JORGE, 2022, p. 87-91). É precisamente isso que se escreve na fórmula do discurso psicanalítico no denominador do lado do psicanalista: o saber, S_2 , no lugar da verdade.

Assim, na análise pessoal, pode-se dizer que se tem a transmissão de *uma* psicanálise, o que faz com que a transmissão da psicanálise seja, radicalmente falando, feita de *um-a-um*: em cada análise de *um* sujeito com *um* analista, a transmissão se dá e produz *um* psicanalista, que, por sua vez, poderá repetir essa experiência com seus analisandos em



cada uma de suas singularidades. Talvez este seja o sentido mais relevante a se atribuir à formulação de Lacan de que “jamais falei de formação do analista, falei de formações do inconsciente” — o de que a base do tripé da formação reside na análise pessoal, pois as formações do inconsciente são da ordem da singularidade subjetiva, e não do campo do universal da teoria.

Além disso, é preciso dizer que o analista opera essencialmente através do *não-saber* — o significante da falta de um significante no campo do Outro, $S(\mathcal{A})$, é uma maneira de designar o não-saber —, por meio do qual torna-se possível a emergência do *saber do Outro*, o saber inconsciente. Se o psicanalista é colocado no lugar de *sujeito suposto saber* pelo analisando, ele, contudo, não se identifica com esse lugar e é somente ao não se identificar com esse lugar que ele pode fazer com que a análise prossiga.

A posição de Freud quanto à análise dos analistas ficou evidenciada em alguns de seus escritos. Ele preconizava a retomada da análise periodicamente, considerando sempre que a análise de um analista deveria ir tão longe quanto fosse possível, mas o problema do fim da análise não foi levado mais adiante por ele. Seu ensaio *Análise terminável e interminável* (1937) surpreende por ser um diálogo, estabelecido ponto a ponto, com o texto *O problema do fim da análise*, escrito por seu discípulo Sandor Ferenczi em 1928, e que foi a primeira abordagem sistemática feita sobre essa questão.³

³ Nosso estudo desse diálogo, intitulado “Freud, Ferenczi e o fim da análise”, será publicado em outro lugar.



Quando Lacan formulou, em sua *Proposição*, o princípio de que “o psicanalista só se autoriza por si mesmo”, ele atribuiu à análise pessoal (primeiro elemento do tripé) a potência exclusiva para a formação do psicanalista. Mas no seminário *Les non-dupes errent*, na sessão de 9/4/1974, Lacan acrescentou algo a esse princípio — “o analista só se autoriza por si mesmo... e por alguns outros”.

Assim, a idéia central introduzida na *Proposição*, o *passé*, foi para Lacan a forma de promover uma elaboração consistente sobre o ponto nevrálgico desse tripé, o da análise pessoal, pois é ele que sempre foi considerado como o essencial para a formação do analista.⁴ O *passé* representou uma espécie de aposta de Lacan na possibilidade de um *ganho de saber* sobre o que ocorre com um sujeito ao fim de uma análise, ponto este que sempre ficou obscurecido pela própria idéia de uma análise *dita* didática. É preciso salientar que Lacan, com sua *Proposição*, produziu um ato analítico,

⁴ A leitura do verbete “*passé*”, escrito por Marie-Magdeleine Chatel para o *Dicionário da psicanálise*, organizado por Pierre Kaufmann (1996), é bastante instrutiva e pode funcionar como uma bússola para orientar a colocação de questões sobre o tema. Leia-se também: ROUDINESCO, Elisabeth, *História da psicanálise na França — vol.2:1925-1985*, seção “O *passé*: uma cisão às avessas”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p.474. É de se ressaltar que a polêmica causada em torno do *passé* (pelo menos aquela do Quarto grupo, que foi uma reação imediata e abrupta à *Proposição*) lembra em alguns aspectos aquela causada entre os discípulos de Freud sobre a análise leiga: ambos tiveram recusadas, por muitos de seus discípulos, suas posições sobre os dois problemas. Nesse sentido, a relação entre a análise leiga e o *passé* — e a virulência que ambos comportam — mereceria um estudo à parte. Digase apenas que o *passé* pode ser considerado como tendo o objetivo de sustentar o caráter leigo da psicanálise, isto é, a absoluta autonomia interna dos processos regulatórios da formação do analista.



o de fazer os analistas se confrontarem com aquilo que era escamoteado de suas reflexões, o problema do fim da análise e o advento do analista.

Contudo, o problema do passe como *simbolização* relativa ao próprio advento do psicanalista confundiu-se muito rapidamente com o passe como *nomeação* (do A.E., analista da escola), tendo a política institucional deslocado o eixo analítico da primazia que ele precisa ter, apesar da tentativa de Lacan de distinguir, em sua *Proposição*, o *gradus* da hierarquia. Recentemente, Alain Didier-Weill (1987; 1998) propôs a criação de uma nova experiência na qual importa apenas a simbolização sobre o fim da análise e não mais a nomeação de um analista. Segundo ele, Lacan teria, inclusive, primeiramente, proposto que a experiência não implicasse em nomeação, mas, em seguida, ele teria sofrido uma pressão institucional nesse sentido e acabou cedendo a ela. Safouan (1985, p. 66) afirma que não exagera ao dizer que “quase a metade das candidaturas eram apresentadas por analisandos ou analistas que nunca teriam pensado em empreender esse processo, se não fosse pela vaidade extraordinária de possuir o título de A.E., cujo portador tinha se tornado o único analista que contava, o verdadeiro, o didata, o teórico etc.”.

O ensino e o real da experiência

No escrito sobre as *Variantes do tratamento-padrão*, Lacan postula que o erro dos institutos de formação reside no fato de ali se ensinar um saber pré-digerido. Safouan comenta que o ensino, nesse caso, engana a ignorância, ao



invés de dela se servir. Se para Lacan a eficácia do ensino se mede pela retomada desse ensino que ele próprio provoca, o ensino da psicanálise deve necessariamente ser acompanhado de questionamento. A idéia lacaniana de transferência de trabalho e de cartel provém precisamente desse ponto: que o ensino teórico seja submetido a um trabalho contínuo.

Quanto ao ensino teórico da psicanálise, deve-se dizer antes de tudo que ele não poderia prescindir da referência à experiência clínica (JORGE, 1995, p. 42-46), a qual deve-se entender sob suas duas vertentes inter-relacionadas: a do analisando e a do analista. Nesse âmbito, trata-se de tomar a psicanálise como uma disciplina e poder destacar os eixos fundamentais do *saber*, S_2 , a ela inerentes. Em todo ensino da psicanálise, portanto, o analista opera no campo do saber passível de ser universalizado, donde se conclui que o ensino sempre tem um pé no discurso universitário.

No campo do saber psicanalítico, as intervenções de Lacan foram inúmeras e apresentaram um enriquecimento poderoso do saber psicanalítico com outras disciplinas, contemporâneas a ele e, logo, desconhecidas por Freud. Sua ênfase inicial nas contribuições da antropologia estrutural e da linguística deu lugar, posteriormente, à pesquisa da topologia e da teoria dos nós. Seus matemas ocupam um lugar privilegiado nesses desenvolvimentos, eles representam a tentativa de obter no quadro da teoria um *mínimo passível de ser transmitido integralmente*. Quando Lacan foi aos Estados Unidos, os norte-americanos lhe indagaram se ele queria matematizar a psicanálise. Lacan respondeu que não, queria apenas conseguir um mínimo de matemização que servisse



como baliza para as diferentes teorizações. Os matemas constituem pontos de convergência de inúmeros achados da teoria freudiana e da experiência psicanalítica.

Além disso, Lacan criou lugares especiais para o estudo teórico na instituição, congruentes com a experiência analítica, como o *seminário* e o *cartel*. Trata-se de lugares de *emergência do dizer*: o *seminário* é o lugar onde o analista, falando como analisando, prossegue sua análise na relação que mantém com a teoria analítica e sustenta um ensino que se autoriza, como sua prática, por si mesmo. Lugar, portanto, de autoria e de risco.

O *cartel* é um lugar coletivo que, no entanto, visa a produção singular a partir do ponto de simbolização da teoria ocupado por cada um. O cartel é um lugar onde cada um é convidado a se reunir para, em seguida, vir a se isolar, onde o grupo é constituído para poder se *diz-solver*, onde a requisição de uma produção pessoal de cada um anula a ilusão da criação coletiva e, mais do que isso, do discurso comum: não há discurso comum, mas sim discurso de cada um. A função do *mais-um* introduz no cartel a impossibilidade de totalização, de fazer grupo; ela vela pelo trabalho e curto-circuita a intersubjetividade imaginária, que, presente em todo grupo, faz obstáculo ao trabalho de simbolização. Além disso, ao reunir pares, o cartel impede a relação de mestria: por isso mesmo, o mais-um não ocupa o lugar do mestre (o mais-um não é o S_1), ou de sujeito suposto saber. A noção de *transferência de trabalho*, introduzida por Lacan, decorre dessa lógica de funcionamento na qual o estudo teórico é atravessado pela experiência analítica. A transferência de trabalho implica, antes de tudo, que haja trabalho de transferência.



Vê-se, aqui, que o problema da inserção da psicanálise na universidade não deve produzir certas querelas imaginárias: o embate psicanálise *versus* universidade é *discursivo* e não geográfico: pode-se ter o vigor do discurso psicanalítico na universidade, assim como se pode ter o discurso universitário vigorando na instituição analítica. Não é o simples fato de haver instituição psicanalítica que salvaguarda o discurso psicanalítico de sua especificidade. Até mesmo o passe pode ser tratado universitariamente, isso depende da forma como ele será abordado.

As duas faces da supervisão

No protocolo de formação da IPA, a supervisão é comparada por Safouan àquela da administração industrial e geral, na qual “o controle consiste em verificar se tudo se passa conforme o programa adotado, as ordens dadas e os princípios admitidos”. Ela visa implicitamente padronizar os critérios segundo os quais se deve avaliar o candidato. O maior problema para a IPA é o da seleção dos supervisores, tratada como o da seleção dos didatas, embora os critérios para essa seleção não sejam fornecidos. Safouan designa isso como o “peso da mentalidade administrativa” que ali impera, mais preocupado com a questão do poder dos didatas do que com outra coisa. A hierarquia sempre foi preponderante na IPA, e é precisamente ela que Lacan pretenderá substituir pelo *gradus*.

Com Lacan, como observa Safouan, surge a questão sobre se haveria um novo modo de instituir-se. Safouan aborda a questão da responsabilidade do analista, que existe de fato, e afirma que “enquanto a responsabilidade do



analista não for claramente definida, ela corre o risco de se deixar assimilar a um poder” (SAFOUAN, 1985, p. 40). Para Safouan, o desconhecimento da dimensão da verdade que fala através da Coisa, como Lacan coloca em seu escrito sobre *A coisa freudiana*, tem como consequência o fato de que a relação entre analistas foi organizada sob a forma de uma relação social fundada sobre o poder e uma hierarquia daí decorrente. Em 1967, quando Lacan apresenta sua *Proposição de 9 de outubro*, ele sugere a substituição da hierarquia pelo *gradus*, o qual deve realizar-se na análise didática.

A existência mesma de uma análise dita didática é algo bastante questionável, na medida em que o candidato é considerado ao mesmo tempo como aluno e paciente, o que faz com que dois registros absolutamente diversos se confundam — o da análise pessoal, que consideramos como da ordem da experiência da singularidade de *uma* psicanálise, e o do ensino teórico, que consideramos como da ordem da generalidade da teoria da psicanálise. Para Lacan, a análise didática revela-se didática *só-depois* e o psicanalista é considerado didata quando ele realizou psicanálises que se revelaram didáticas.

Lacan aplicou continuamente em suas inovações dois princípios solidários entre si: o de não se afastar das regras descritivas em proveito das regras normativas e o de não dar forma de lei a não ser àquilo que se possa demonstrar. Safouan chama atenção para o fato de que ambos os princípios se resumem naquilo que Lacan formula na *Proposição*: “Não instituímos senão no funcionamento”.

Safouan observa que na IPA “não se sabe nem mesmo se a supervisão é uma atividade pedagógica ou terapêutica”



(SAFOUAN, 1985, p. 33), formulação na qual se insinua a dupla vertente da supervisão de que falaremos adiante. Alguns levam a crer que “uma supervisão é algo a mais do que uma educação e a menos do que uma terapia”. Safouan insiste na idéia de que a questão — trata-se de uma questão! — da formação dos analistas é transformada num arranjo “destinado a fazer semblante”, já que na falta de uma resposta para esta questão, passam a proliferar os regulamentos. É isso o que denominamos de uma maneira genérica de decadência do *rigor* em *rigidez*, já que a rigidez surge precisamente no momento em que não se tem condições de abordar determinada questão com rigor.

A supervisão, terceiro elemento do tripé, ocupa o lugar de um *sintoma* da formação do psicanalista e, como tal, revela sua verdade. Surgida, como vimos, a partir da necessidade de um psicanalista confrontado com a experiência de formar novos analistas, a chave da supervisão parece residir no fato de ela recolocar em cena aquela mesma pergunta de Lacan: “Como ensinar o que a psicanálise nos ensina?”.

Ao tornarem a supervisão uma prática *obrigatória*, os institutos de formação da IPA cometeram algo que, analiticamente, foi muito grave: eles simplesmente impediram que os psicanalistas escolhessem, ao longo de sua formação, o momento em que fariam essa experiência, acossados pelas dificuldades que a prática naturalmente impõe. Uma das traduções mais simples dessa decadência do rigor em rigidez, que apontamos anteriormente, foi a transformação de algo que seria *desejado* em algo *obrigatório*. Em sua escola, Lacan eliminou a obrigatoriedade e devolveu



ao psicanalista em formação a responsabilidade pela escolha desse momento. Obrigar o psicanalista em formação a um protocolo rígido a ser seguido implica em evitar que ele se depare com as dificuldades com toda a legitimidade que a experiência requer, isto é, com toda *implicação subjetiva*.

O termo francês *contrôle*, controle, utilizado para denominar a supervisão e considerado por Lacan como um termo *sinistro*,⁵ tem, no entanto, o mérito de desvelar a verdade embutida na prática de supervisão: a de que ela frequentemente tem mais importância para a *instituição* do que para o próprio psicanalista. Trata-se, efetivamente, na supervisão obrigatória, do *contrôle* que a instituição faz da formação de seus analistas (COSTA; JORGE, 2005).

A supervisão é, em geral, descrita como apresentando, essencialmente, uma *função analítica*, daí ser chamada, muitas vezes, em francês, de *analyse de contrôle*, análise de supervisão: o supervisor, ao escutar o relato das dificuldades que o supervisionando menciona na escuta de seu próprio analisando, estaria em condições de remetê-lo à sua própria análise. Mas sabemos que essa não é a única função da supervisão. Ela apresenta igualmente uma *função teórico-clínica*, de apontamento para o analista em formação de algumas dimensões teórico-clínicas que ele ignora. Assim, não se pode atribuir certas dificuldades de um psicanalista que inicia sua prática, por exemplo, na condução da análise de um neurótico obsessivo, exclusivamente a uma dimensão analítica. Nesses casos, cabe ao supervisor fornecer

⁵ Lacan (1998d, p. 254) preferia o termo inglês *supervision*.



igualmente uma orientação teórico-clínica a seu supervisorando.

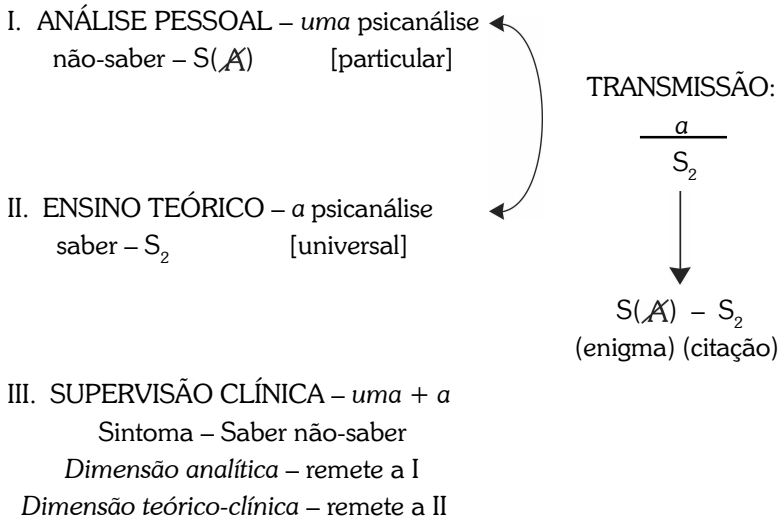
A supervisão é, assim, o terceiro elemento da estrutura da formação do analista, que remete o analista a um dos dois outros elementos do tripé que a constituem: análise pessoal e estudo teórico. Ela faz a remissão do analista em formação àquele pé do tripé que anda mal, que precisa ser mais bem-dito. Ela articula a dimensão de *uma* psicanálise (singular) à dimensão d'*a* psicanálise enquanto saber (universal). Ela se resume na posição de *ignorância douta* preconizada por Lacan para o lugar do analista, posição de *saber não-saber*.

Vê-se, aqui, que Lacan não alterou em nada o tripé clássico, apenas introduziu elementos de aprofundamento da reflexão analítica para cada um de seus pontos. O passe incide sobre o ponto 1, o cartel e o seminário, sobre o ponto 2. A supervisão, cuja prática passa a ser considerada como não obrigatória, sobre o ponto 3.

Os elementos até aqui desenvolvidos podem ser resumidos no esquema seguinte:



Estrutura da formação do psicanalista:



Ensino, transmissão e o passe de Lacan

A partir disso, podemos diferenciar *ensino* de *transmissão* do seguinte modo: a transmissão da psicanálise se dá quando um psicanalista, ao tomar a palavra, produz uma articulação entre essas duas dimensões do tripé — a análise pessoal e o ensino teórico —, dando provas de que aquilo que a supervisão se encarregaria de fazer — isto é, articular o particular de cada caso ao universal da teoria — ele o faz por sua própria conta. Pois a transmissão pode ser vista aqui como sendo algo mais-além do mero ensino, ela articula o *saber* (S_2) da psicanálise ao *não-saber* inerente à experiência $S(\mathcal{A})$. Ora ela remete o analista à análise pessoal, ora ao ensino



teórico e, em ambos os casos, ela introduz na disciplina da psicanálise, enquanto um saber, algo que é da ordem do singular. Daí Lacan ter afirmado que cabe a cada psicanalista *reinventar a psicanálise*.

Nesse sentido, a supervisão seria uma prática ligada à articulação da análise pessoal com o estudo da teoria, introduzindo nesta a dimensão de não-saber própria à primeira. Se a análise pessoal é a entronização da *travessia da fantasia*, a supervisão é um dispositivo que visa igualmente produzir a repercussão profunda e sistemática da travessia da fantasia na abordagem da teoria, o que creio ser apropriado denominar de *travessia da teoria*. Por isso, a prática da supervisão tem a ver igualmente com as diferentes trocas passíveis de ocorrerem entre analistas já formados.

A teoria analítica é do mesmo modo uma fantasia — uma construção simbólico-imaginária de produção de sentido —, uma fantasia extremamente consistente, cujo atravessamento irá requerer do analista uma posição próxima ao que Freud denominou de análise interminável. Nessa perspectiva, e retomando o título do célebre texto de Freud, podemos afirmar que a análise *terminável* diria respeito à dimensão da experiência intensiva da análise, e a análise *interminável*, à experiência da teorização.

Os discípulos de Freud tenderam a rigidificar excessivamente a prática clínica e a formação analítica segundo cânones que evitavam o defrontar-se com o real em jogo, seja na prática clínica, seja na formação do analista. Lacan inverteu as coisas: ele — que num de seus derradeiros seminários disse “eu estou no trabalho do inconsciente” (LACAN, 1980, p. 11) —, reintroduziu na instituição esse real da formação



psicanalítica ao fazer a proposta do passe. Mas o passe foi uma *proposta* para abrir uma questão e de modo nenhum uma *resposta*: mais essencialmente, uma *aposta* para recolher testemunhos sobre o desejo do psicanalista e abordar o real em jogo na formação pela via do simbólico, que é a única maneira pela qual nos é possível cernir o real.

Considerar o passe como uma resposta de Lacan para uma questão tão grave seria recusar o seu rigor e tratar o passe com a mesma rigidez, de fechamento do inconsciente, dos pós-freudianos. Infelizmente, o passe às vezes parece ser uma forma de alguns analistas fazerem semblante de saber sobre o fim da análise. Acredito que podemos evitar isso, se não nos esquecermos jamais de que foi o próprio Lacan quem disse que passava a vida a passar o passe.

A travessia da teoria

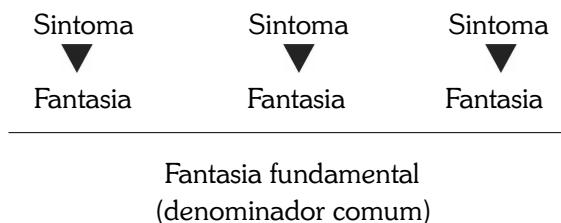
Lacan concebeu o fim da análise em sua relação com a travessia da fantasia. Sendo a fantasia inconsciente a instância psíquica responsável pela sexualização da pulsão de morte e pelo erigimento de uma barreira em relação ao não-senso do real, ela constitui a própria realidade psíquica para todo sujeito.⁶ A fantasia é uma construção simbólico-imaginária que permite ao sujeito, em sua constituição pelo recalque originário, mediatizar seu encontro com o real. Nesse sentido, a fantasia é uma defesa contra o real, uma defesa

⁶ A esse respeito consultar nossos artigos em torno do tema: JORGE, 2005b, versão em francês no site www.langageetinconscient.com; JORGE, 2005a; JORGE, 2006a; JORGE, 200b.



essencialmente simbólica e imaginária: a fantasia propicia nome e imagem àquilo que não possui nome nem imagem.

A travessia da fantasia operada pela análise é uma verdadeira desconstituição dessa defesa, ela dá acesso ao sujeito àqueles elementos simbólico-imaginários que estiveram na própria base de sua constituição como sujeito do inconsciente. Ao operar a análise dos sintomas, a experiência psicanalítica dá acesso às fantasias subjacentes a eles. E o denominador comum às fantasias destacadas pela análise dos sintomas é o que Lacan chamou de *fantasia fundamental*, a qual não é passível de ser resgatada pela análise tal como se passa com aquelas fantasias que estão subjacentes aos sintomas, mas é o fruto de uma verdadeira construção por parte do psicanalista e do analisando ao término da experiência:



O que é, por sua vez, a teoria psicanalítica, senão uma fantasia? Tal pergunta pode parecer estranha, mas é preciso dizer que, radicalmente falando, a teoria é uma fantasia extremamente consistente, difícil — ou mesmo impossível — de ser dissolvida, mas, ainda assim, uma fantasia. Encontramos em Freud uma passagem na qual esse ponto de vista é sustentado. Trata-se de um trecho do ensaio “Análise terminável e interminável”, no qual, argumentando a



dificuldade de argumentar teoricamente por que meios se consegue “domesticar” a pulsão de modo a torná-la harmônica com o eu, ele afirma: “Sem um especular e um teorizar metapsicológicos — eu quase disse fantasiar — não se dá um único passo adiante” (FREUD, 1980b). Vê-se, assim, que para Freud a teoria tem um estatuto muito próximo da fantasia.

É preciso distinguir aqui, mais uma vez, a fantasia do delírio: o delírio é o que, na psicose, vem em suplência à fantasia que falta, pois sendo uma consequência imediata do recalçamento originário, a fantasia inconsciente não se instaurará na psicose. Por isso, Freud considerou o delírio não como uma manifestação da psicose, mas, ao contrário, como a tentativa de reconstrução — de reestruturação — empreendida pelo psicótico.

O delírio é igualmente uma construção simbólico-imaginária que tenta fazer face ao real, apenas que como o simbólico na psicose se acha amputado do elemento que o faz funcionar como tal (como simbólico) — o significante Nome do Pai —, o delírio será uma produção simbólica altamente imaginarizada. O delírio não apresenta, como a fantasia, qualquer ambiguidade, e a certeza delirante à qual o sujeito psicótico se agarra é o efeito da incapacidade de dialetização que seu simbólico apresenta. Na psicose (paranóica), o simbólico como que se reduz ao imaginário, ou, dito de outro modo, o duplo sentido inerente ao simbólico se reduz ao sentido, próprio ao imaginário.

O delírio difere da fantasia essencialmente no sentido de que se a fantasia constitui uma realidade psíquica, esta pode ser partilhada e constituir um laço social ao incluir o Outro; o



delírio, por sua vez, constitui uma realidade psíquica exclusiva que prescinde do Outro. O delírio é uma tentativa, parcialmente bem-sucedida, de frear o empuxo ao gozo ao qual o sujeito está submetido na psicose pela pulsão de morte, por esta não ter sido sexualizada pela fantasia inconsciente. Mas ele é mal sucedido na tarefa de vincular o sujeito ao Outro como objeto *a*, tarefa que a fantasia desempenha plenamente.

Dito de outro modo, a fantasia reduz aquilo que é do campo do inominável, o gozo da Coisa (*das Ding*), ao nomeável do objeto *a*. Ao “traduzir” a Coisa em objeto *a*, a fantasia reduz o gozo inerente à Coisa a um objeto, objeto *a*, objeto mais-de-gozar, que passa a representar a Coisa para o sujeito. Ao “traduzir” a Coisa em objeto *a*, a fantasia reduz o real a uma realidade psíquica, ela reduz o Gozo ilimitado ao gozo limitado, o gozo fálico. É nessa medida que a fantasia é defensiva, ela sustenta o desejo na sua relação com a falta, na medida em que esta é indicada pontualmente. Assim, o corpo que é invadido pelo Gozo na psicose, terá na neurose certos lugares eleitos para o mais gozar, as assim denominadas por Freud zonas erógenas, cuja característica primordial é a de serem bordas orificiais construídas em torno dos furos que constituem pontos de contato entre o corpo e o Outro. As pulsões sexuais, chamadas por Freud de pulsões parciais, incidem precisamente sobre essas bordas orificiais, privilegiadas para as trocas sexuais entre o sujeito e o Outro.

A chamada realidade psíquica, situada por Freud como a própria fantasia, é um anteparo verdadeiramente precioso, sem o qual o sujeito não consegue localizar o gozo. Já o delírio é uma meia tentativa de localizar o gozo, que, por não “reduzir” a Coisa ao objeto *a*, trará em sua estrutura um Outro



absoluto, sem falhas, impedindo o psicótico de fazer vínculo com esse Outro. Só há vínculo entre faltas e, se há completude de um lado, não há vínculo possível. Talvez por isso o amor seja o maior dos vínculos, pois nele as faltas são vividas intensamente.

Teoria psicanalítica e real da clínica

Voltemos à teoria. Ela é igualmente uma fantasia que tenta dar sentido ao não-senso do real da experiência psicanalítica. Ela possibilita um acesso ao real da experiência, produzindo uma articulação simbólico-imaginária sobre essa experiência. Apenas que tal experiência apresenta uma dimensão de não-senso que não pode ser elidida e que insiste em se presentificar. Como observou Lacan (1977, p. 11), “a clínica é o real enquanto impossível de suportar”.

Podemos dizer, de forma puramente esquemática, que a teorização em psicanálise, para um analista em formação, segue dois momentos distintos: um primeiro momento em que o analista em formação tem acesso a essa construção fantasística que lhe é proporcionada pela teoria. Ele como que constrói, num primeiro tempo, essa fantasia teórica, para fazer face ao real da clínica. É de se ressaltar que essa construção se faz simultaneamente ao processo de (des)construção de sua própria fantasia, enquanto sujeito, operada na sua análise pessoal.



Poderíamos chegar a pensar, inclusive, que o ponto de chegada da travessia analítica da fantasia é homólogo ao ponto de chegada à construção da fantasia da teoria. Tendo chegado ao ponto de término da análise no qual a fantasia inconsciente se acha (des)construída, o sujeito acede a um real que o fará agora operar, como sujeito, sobre a fantasia da teoria já constituída como tal para ele. Mas, na verdade, o que podemos perceber é que o analista em formação muito cedo começa igualmente, sem perceber, o processo de desconstrução da teoria, que se dá invisivelmente à sua própria construção e em concomitância à travessia da fantasia. Queremos dizer com isso que os dois processos de travessia — da fantasia e da teoria — tendem a ser congruentes. Com uma diferença.

Se a travessia da fantasia, operada pelo sujeito ao longo de sua análise, tem um fim passível de ser detectável, a segunda, a travessia da teoria, não possui um fim e constituirá o objeto de um trabalho interminável. Talvez nisso resida um dos sentidos da formulação freudiana sobre a análise terminável e a análise interminável. Se a análise do analista tem um fim, a análise de sua relação com a teoria — ou, melhor dizendo, a análise da própria teoria da psicanálise que cabe a ele fazer —, esta não tem um fim possível e constituirá o projeto de uma vida que se dedique à psicanálise. É bastante razoável supor que, no fim da análise, a passagem do discurso histórico para o discurso do psicanalista



transfere a interrogação do discurso histórico para o discurso da ciência – vide os matemas de Lacan.

Todo ensino da psicanálise — seja no âmbito universitário ou não — deve poder se pautar nessa perspectiva de retomar o real inerente à experiência clínica, sem tentar suturá-lo com uma teorização dogmática, mas, ao contrário, incluindo os seus pontos de inconclusão. Pois, como disse Lacan, “a clínica psicanalítica consiste em reinterrogar tudo o que Freud disse” (LACAN, 1977, p. 11).

Referência

COSTA, Teresinha; JORGE, Marco Antonio Coutinho. Entre supervisão e controle – a psicanálise no SPA da Universidade. *In: ALTOÉ, Sonia; LIMA, Márcia Mello de (orgs.). **Psicanálise, clínica e instituição***. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005.

DIDIER-WEILL, Alain. Nomeação e simbolização na comunidade analítica. *In: **Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

DIDIER-WEILL, Alain. Insstituição. *In: **Lacan e a clínica psicanalítica***. Rio de Janeiro, Contracapa, 1998.

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise: introdução do editor inglês. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1977 [1916-1917].

FREUD, Sigmund. Análisis terminable e interminable. *In: **Obras completas***. v. XXIII, Buenos Aires: Amorrortu, 1980b [1937].



FREUD, Sigmund. ¿ Debe enseñarse el psicoanálisis em la universidad? *In: Obras completas*, Buenos Aires, Amorrortu, v. XVII, 1980c [1919].

FREUD, Sigmund. Esquema del psicoanálisis. *In: Obras completas*, Buenos Aires, Amorrortu, v. XXIII, 1980d [1938].

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Arte e travessia da fantasia. *In: RIVERA, Tânia; SAFATLE, Vladimir (orgs.) Arte e psicanálise*: São Paulo: Escuta, 2006a.

Jorge, Marco Antonio Coutinho. A travessia da fantasia na neurose e na perversão. **Estudos de Psicanálise**, 29, 2006b, 29-37.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. A psicanálise entre ciência e religião. *In: ROPA, Daniela e Marci Dória PASSOS (orgs.) Anuário brasileiro de psicanálise*, nº3, 1995.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. O inconsciente é um saber. *In: Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan – vol.1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro, Zahar, 2022.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. As quatro dimensões do despertar – sonho, fantasia, delírio, ilusão. *In: Ágora*, v. iii, n. 2. pgs. 275-289. Rio de Janeiro, 2005a.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Jacques Lacan e a renovação da clínica psicanalítica. Sobre o impacto de seu ensino no Brasil. *In: JORGE, M.A.C. (org.). Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. O sintoma é o que muitas pessoas têm de mais real – sobre os quatro conceitos



fundamentais da psicanálise e a fantasia. *In: Langage et inconscient*. 2, Limoges, Lambert-Lucas, 2005b.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. O tempo da sessão analítica. *In: Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan – v.4: o laboratório do analista*. Rio de Janeiro, Zahar, 2022.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise** – o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. A psicanálise e seu ensino. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

LACAN, Jacques. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

LACAN, Jacques. Variantes do tratamento-padrão. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c, p. 326.

LACAN, Jacques. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. *In: Scilicet*, 6/7. Paris: Seuil, 1976.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d.

LACAN, Jacques. L'Autre manque. *In: Ornicar?*, nº20/21. Paris: Lyse, 1980.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.



LACAN, Jacques. Ouverture de la Section clinique. In: **Ornicar?** n° 9. Paris: Lyse, 1977.

LACAN, Jacques. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In: **Autres écrits**. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998e.

PORGE, Erik. **Freud/Fliess** – mito e quimera da auto-análise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

ROAZEN, Paul. **Como Freud trabalhava**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França**, vol. 2: 1925-1985, seção O passe: uma cisão às avessas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

SAFOUAN, Moustapha. **Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

* Este ensaio foi publicado originalmente no volume *Lacan e a formação do psicanalista*, organizado por Marco Antonio Coutinho Jorge, publicado pela editora Contra Capa em 2006.



POR NOSSA POSIÇÃO DE ANALISTA, SEMPRE SOMOS RESPONSÁVEIS

Maurício Eugênio Maliska

O título deste trabalho parafraseia um enunciado de Lacan (1998, p. 873) presente no texto *A ciência e a verdade*, a saber: “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis”; e tenta dar conta da responsabilidade do analista com a sua posição e formação. Para isso, vamos partir de uma pergunta que pode, a princípio, soar muito simples e singela: *Do que seria o analista responsável?* No lugar de tentar responder essa complexa pergunta, faremos outras perguntas em cima dessa com o objetivo de lançar alguns desdobramentos e vetores quanto à responsabilidade do analista sobre sua formação.

Seria o analista responsável pelas análises que conduz?

Lacan (1998) foi muito categórico no texto *A direção da cura e princípios de seu poder* quando diz que o analista dirige o tratamento, mas não deve de modo algum dirigir o paciente. Toda direção de consciência ou guia moral deve estar radicalmente excluída. A direção do tratamento implica que o sujeito aplique a regra da psicanálise, a



associação livre, sem pensar muito nessa aplicação. Não se trata de dar instruções, de como funciona uma análise, explicar procedimentos, mas de fazer com que a coisa aconteça de um modo associativo no seio da transferência. A direção da análise tem a ver com as diretrizes da análise e de como isso é manejado pelo analista. O analista não somente é responsável por essas análises como também tem a sua quota a pagar nesse empreendimento. Ele paga com as palavras na transmutação que elas sofrem no decorrer da análise, paga com sua pessoa, uma vez que a empresta para os fenômenos transferenciais e paga com o seu ser, *Kern unseres Wesens* [núcleo do ser] (LACAN, 1998, p. 593). Nesse sentido, o analista não fica fora do jogo e cura menos por aquilo que diz e faz, do que por aquilo que é, pois ele é tão menos seguro de sua ação quanto mais está interessado em seu ser (LACAN, 1998, p. 593).

Seria o analista, então, responsável pela sua própria análise?

Sempre me chamou a atenção a maneira como nos referimos ao fazer análise. Em geral, falamos *eu faço análise com Fulano de Tal* ou *eu me analiso com Fulano de Tal*, pois nessas duas formas há um protagonismo do sujeito em que o analisante assume uma posição ativa, por isso mesmo ele não é um paciente, no sentido de passivo ou aquele que deve ter paciência ou que paciente-mente espera por um outro, como em geral está posto no discurso médico. Essa atividade mostra que o sujeito é responsável, em parte, não de todo, pela sua própria



análise. Não é nenhuma garantia ou sinal de sucesso ou estar em boas mãos se analisar com o *Fulano de Tal*, para além disso é necessário o sujeito fazer sua análise funcionar, submeter-se à tarefa analisante, ou seja, fazer a associação livre, sem pensar muito nela. A resistência faz parte do processo e é também com ela que se pode avançar numa análise; não se avança sem resistências, mas não se pode ficar paralisado nela. Em última instância, o analista se fazer responsável por sua própria análise é assumir a sua posição de analisante, num sentido daquilo que Lacan aponta que uma análise, se levada ao seu fim, produz um analista, então analista e analisante estão numa certa banda de Moebius, em que a posição de um leva a outro, no sentido de que quanto mais analisante se é, mais se pode analisar, ou seja, mais se pode tornar-se analista de sua própria experiência, como afirmou Lacan (2003) na *Proposição 9 de outubro: sobre o psicanalista da Escola*. Nesse ponto, o título de nosso trabalho encontra seu início na afirmação de Lacan (1998, p. 873): “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis”.

Seria o analista responsável pelos outros dois pilares da formação, o ensino e a análise de controle?

Parece importante marcar que o ensino e a transmissão em Psicanálise se fazem de forma muito diferente do ensino de qualquer outro campo de saber. A psicanálise não é algo que se aprende, mas fundamentalmente algo que se



experiencia, na prática, os efeitos de um dizer. A própria teoria psicanalítica considerada tão complexa, no fundo não é difícil de entender, mas difícil de aceitar e processar de modo subjetivo. Quando não entendemos algo em psicanálise é porque resistimos bravamente àquilo. Mesmo um autor como Lacan, considerado hermético em sua fala e escrita, nos é difícil pelas nossas amarras imaginárias e simbólicas que nos impedem de avançar, mesmo sem entender. Podemos avançar se suportamos o *non sense*, a ausência de sentido, de explicação, se suportamos a parcialidade de um processamento. Seria interessante se o analista pudesse fazer algo como o artista, não se angustiar diante do vazio e poder fazer algo com isso, como pontuou Lacan (1997) no seminário sobre a Ética. Parece que nos angustiamos demais diante da falta de sentido, da grandiosidade da obra psicanalítica, da nossa parca compreensão das coisas e de nosso precário processamento diante da clínica.

Em alguns momentos, analistas iniciantes vêm nos solicitando uma indicação de leitura, quase misturado com o discurso universitário em que um orientador de pesquisa indica algumas leituras. Essa demanda sempre me é estranha e indigesta, mesmo na universidade, estando na posição de professor, que também ocupo, pois em psicanálise não se trata de um outro indicar leituras e referências. Em primeiro lugar, a pesquisa por textos e leituras faz parte da própria pesquisa; em segundo, que cada leitor deve encontrar aí um caminho, um percurso próprio e singular de leitura. Para um psicanalista, ainda que seja um jovem analista ou aspirante à analista, a leitura de um texto não deve ser uma mera apreensão de um conteúdo, deve haver aí uma subjetivação disso, um



processo que envolva esse analista como sujeito, para além de sua posição de leitor. Que o texto possa ecoar nos recôncavos de sua subjetividade e invocar aquilo sobre o qual o sujeito nada sabe.

Dessa forma, o ensino e a análise de controle não devem ser regimentados por ninguém menos que o próprio sujeito, analisante e analista de sua própria experiência, e este deve se responsabilizar por esse percurso, marcando sua singularidade e estilo. Isso não quer dizer um trabalho isolado e fora da instituição ou do enlace com outros, mas um trabalho que marca uma singularidade, não sem a transferência com outros. A análise de controle nos parece bem isso, pois não se trata de buscar um outro que lhe diga o certo e o errado ou que lhe indique o que deve ser feito e como deve ser feito. Nada disso. Análise de controle é, antes de tudo, um testemunho da clínica, é levar a outro analista a narrativa de uma experiência, e na transferência com esse outro, obter ali um espaço de escuta.

Seria o analista responsável pela sua instituição e pelos destinos do movimento psicanalítico?

Freud (1914) foi enfático com a observação de que o analista não pode ficar num esplêndido isolamento, expressão que traduzimos por um trajeto marcado entre a casa e o consultório. Um analista não pode se vetorizar apenas entre esses dois pontos; é fundamental estabelecer outras relações, com outros analistas, no sentido de dar testemunho de sua



prática para outros analistas. Escutar, ser escutado e se fazer escutar em torno da sua prática psicanalítica é o que se espera de um analista, e isso implica estar com outros, sair do esplêndido isolamento. A instituição é o lugar prioritário e cativo para isso. Quando digo instituição, não me refiro necessariamente a uma organização formalmente estabelecida, com CNPJ e demais formalidades sociais e jurídicas, mas sim um espaço de troca entre analistas, de fala e de escuta, em que a palavra possa circular com respeito às diferenças e aos trajetos singulares de cada um na sua formação, que não é um movimento retilíneo, uniforme ou ascendente, mas com idas e vindas, avanços e recuos, percursos permeados por percalços de resistências. Essa dinâmica da formação do analista acontece prioritariamente na instituição, então, é responsabilidade do analista zelar pela instituição da qual faz parte, trabalhar por manter esse espaço de troca e convergência. De igual modo podemos pensar que os destinos do movimento psicanalítico também perpassam a responsabilidade do analista, pois esse destino está em nossas mãos e dos jovens analistas que nos sucedem.

Dessa forma, se criticamos os cursos universitários de graduação em Psicanálise, verdadeiras aberrações frutos do discurso capitalista e neoliberal, cabe também nos perguntarmos da mesma forma que Freud perguntou à Dora: *Qual é a sua parcela de responsabilidade nisso de que se queixa?* Ou seja, os analistas também devem se perguntar qual é a sua parcela diante desse cenário. Podemos até não ter responsabilidades quanto à causa desse fenômeno, mas temos responsabilidade em combatê-lo, em agir sobre ele, em trazer a psicanálise para o debate público como forma de



coibir esses abusos perversos que tentam usurpá-la. É nosso dever zelar pela psicanálise, questioná-la e fazê-la avançar.

Referências

FREUD, S. A história do movimento psicanalítico (1914). *In: Edição Standart das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. A ciência e a verdade. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. *In: Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, J. **O Seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.



PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL

Adriana de Oliveira Limas Cardozo

Introdução

Início a presente discussão com um trecho do artigo *Psicanálise e Universidade*, de Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, que nos convida a refletir sobre o contexto da universidade e da relação com a psicanálise na atualidade:

Se, de um lado, questionamo-nos sobre os efeitos da presença da Psicanálise na Universidade, questão não menos importante diz respeito aos efeitos da Universidade sobre a Psicanálise. Na estrutura universitária e dos órgãos de incentivo à pesquisa nas universidades brasileiras, a Psicanálise não é considerada como uma grande área ou área de conhecimento (CAPES, 2012; CNPQ, 2012). No ambiente acadêmico, portanto, ela tem sido apresentada ora como uma escola da Psicologia, ora como um curso de pós-graduação, um departamento, uma disciplina ou uma interdisciplina. (COELHO, 2013)

A partir do trecho citado, surgiram alguns questionamentos pertinentes ao conteúdo encontrado nos textos freudianos e lacanianos que demarcam a psicanálise na universidade. Uma dessas questões, que norteará o presente



trabalho, refere-se a entender qual o lugar do discurso da psicanálise na universidade, e de que forma essa transmissão discursiva inaugura o desejo por uma formação psicanalítica.

Não é uma preocupação dos psicanalistas um lugar de privilégio científico, mas um lugar que revele a psicanálise como um eixo de trabalho possível na perspectiva teórica de reconstrução e de desconstrução, de transmissão, e de incompletude, frente ao saber.

Nos textos de Freud e Lacan, base utilizada para pensar essa questão, fica evidenciada a relação existente entre os autores e seus textos, e o quanto apontam para o momento teórico de cada um, sempre articulados com o discurso universitário e o discurso do analista. Essa intersecção indica momentos da articulação possível entre esses campos, seus desafios e suas perspectivas teóricas.

Importante situar que o lugar da psicanálise na Universidade pensado por Freud está exposto nas conferências introdutórias levadas à universidade nos EUA, descrito no texto *Um estudo autobiográfico*. Sobre o lugar pensado por Lacan, será debatido um recorte de sua teoria discursiva apresentada no *Seminário 17*.

Freud (1925/1996) descreve que:

Apresentei meu primeiro relato do desenvolvimento e do tema da psicanálise em cinco lições que pronunciei em 1909 na Clark University, [...] para onde fora convidado a fim de assistir às comemorações do vigésimo aniversário de fundação daquela entidade. Só recentemente cedi à tentação de prestar uma contribuição de natureza semelhante a uma publicação coletiva norte-americana que aborda



os primeiros anos do século XX, visto que seus editores haviam demonstrado seu reconhecimento quanto à importância da psicanálise, dedicando-lhe um capítulo especial. (FREUD, 1925, p. 4)

No texto *História do Movimento Psicanalítico*, publicado em 1914, Freud destaca a importância desse momento para a teoria. Tal importância refere-se ao interesse que despertou a psicanálise nos grupos de psiquiatras que acolheram e estudaram a teoria, e que também rejeitam enquanto um caráter científico tradicional, promovendo grande divergência com o pensamento freudiano.

Assim, Freud vivencia na pele o que muitos analistas que trabalham com o ensino da psicanálise adquirem como experiência. Ao mesmo tempo em que promove o fascínio de alguns, também estabelece rejeição pelo campo da ciência positivista, campo este que habita o ambiente universitário.

Lacan, embora psicanalista, por embarcar e vivenciar um momento pós-guerra, de abertura acadêmica, e com grande disposição para repensar o lugar da psicanálise na cultura e na articulação com o Outro, é acolhido no ambiente universitário em dois momentos peculiares, após saída da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

Em 1964, ao sair da IPA, Lacan situa no *Seminário 11*, intitulado *Os conceitos fundamentais da psicanálise*, seus agradecimentos pelo fato de haver um espaço para seus seminários na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais.



Essa instituição francesa de ensino superior e pesquisa, mais especificamente em Ciências Sociais, é caracterizada por ser um estabelecimento público de caráter científico, cultural e profissional. É voltada para o ensino superior, pós-graduação e pesquisa.

Em 1969, Lacan é convidado a proferir seus seminários na Faculdade de Direito, na Paris VIII, e, neste lugar, apresenta sua discussão sobre os quatro discursos, em seu *Seminário 17, O avesso da Psicanálise*.

Nesse seminário, apresenta articulação entre os discursos assim nomeados: Discurso do Mestre, Discurso Universitário, Discurso da Histórica e Discurso do Analista. Como a psicanálise se engendra nesses lugares discursivos, é a perspectiva de Lacan em sua produção. Lacan, então, pensa o Lugar da Universidade, como mais um lugar possível de circulação da psicanálise, promovendo uma abertura para compreender o campo também como um discurso de produção de sentido e do não sentido.

Por uma questão de tempo e espaço neste recorte de trabalho, não se pretende aprofundar os quatro discursos, mas pensar o lugar da universidade para a psicanálise e vice-versa.

O **discurso da universidade**, para Lacan, representa o outro e o saber em relação ao *mais-gozar*, estabelecendo a impotência do sujeito quanto ao significante mestre.

O **discurso do analista** representa a produção diante da impossibilidade do objeto *a*, ou *mais-gozar* em relação ao sujeito, e do significante mestre em relação ao saber.



Pode-se resumir a perspectiva lacaniana da seguinte forma: O significante assume o lugar de verdade no discurso universitário. O outro é colocado no lugar de “objeto”, representando desta forma a posição do saber frente ao outro, que é tomado como objeto. Produz-se nesta operação um sujeito dividido que se inquieta ou sintomatiza, frente ao lugar de objeto *a* que ocupa.

Há uma tirania do saber dito científico, que separa, que dissocia o sujeito de seus significantes primordiais. Resta ao outro, a reprodução do saber, como uma repetição, do saber enquanto produção universitária. O que predomina no discurso universitário, desta forma, é o saber.

A partir do exposto, pode-se inferir que os sentidos promovidos em torno dos impasses e impossibilidades que se configuram em sua história, marcam que desde Freud o discurso da psicanálise produz laços e efeitos no sujeito, esteja ele no contexto analítico, ou fora dele, já que o laço estabelecido pode ser puramente discursivo.

Já a proposta da clínica analítica refere-se à compreensão dos efeitos do inconsciente no que concerne à possibilidade e impossibilidade de atribuição de sentido, por meio da linguagem, como forma de acessar o sintoma. Além da clínica, os efeitos de sentido promovidos pela psicanálise, transcendem a outros lugares, como a literatura e a arte.



Referências

FREUD, S. **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos.** EBS, Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, S. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e outros trabalhos.** ESB, Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. *Psicanálise e universidade.* **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 21-29, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912013000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 14 abr. 2023.



UM PSICANALISTA EM FORMAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA (CON)FORMAÇÃO NA FORMAÇÃO PSICANALÍTICA

Maria Cristina Carpes

Bem, minha fala hoje, aqui, tem o formato de uma comunicação, no sentido de uma oralidade que se propõe a abrir uma “com versa”, uma prosa com meus colegas psicanalistas sobre um tema que nos é muito caro: nossa formação — formar uma ação como psicanalista nos é caro. No sentido da estima que temos com a nossa prática, como esforço de trabalho e no investimento financeiro e de tempo. Tempo cronológico e tempo lógico. Cito Freud em *A questão da Análise Leiga*: (1980 [1926], p. 259): “O preparo para a atividade analítica de modo algum é fácil e simples. O trabalho é árduo, grande a responsabilidade.”

Dito isso, vou direcionar minha exposição pautada em três eixos: o primeiro deles *O Discurso Fundador* (DF), um dispositivo de análise, da Análise de Discurso (AD), em que trabalhei na minha dissertação sobre *Freud e a Construção do Discurso Fundador da Psicanálise*¹; o segundo eixo,

¹ Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/30126870/texto-unisul>. Acesso em: 15 jul. 2022.



A violência da Linguagem, na articulação proposta por Lacan na interpretação do real da linguagem numa das pontas trabalhadas na minha tese intitulada: *A Violência da Linguagem na Inscrição Psíquica no Infans*²; e, por fim, o texto freudiano *A Questão da Análise Leiga*, um dos textos propositivos do Enlace deste ano.

Início com o DF, uma categoria de análise utilizada pela AD que faz referência à formação de discursos que fundam uma nova ordem de significações. Sigo com Orlandi (2001), na atribuição que esses discursos rompem com a memória discursiva, os chamados já ditos, e deslocam sentidos no tempo e no espaço, realizando um novo arranjo e instituindo um novo sentido. Fundam a possibilidade de criação de um número ilimitado de discursos que nele se apoiam e a ele retornam como um referencial.

Cito Freud (1974 [1914]), no texto *A História do Movimento Psicanalítico*, que, no meu entendimento, fornece um esclarecimento da emergência do discurso fundador da psicanálise e como trabalhou para que esse discurso fosse uma nova ordem de dizer legitimada na comunidade discursiva da época. Questão sempre atualizada na nossa comunidade discursiva e que, inclusive, nos convoca a estarmos presentes hoje, aqui.

[...] uma coisa é externar uma ideia uma ou duas vezes sob a forma de um *aperçu* passageiro, e outra bem diferente é levá-la a sério, tomá-la ao pé da letra e persistir nela, apesar

² Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/3440>. Acesso em: 15 jul. 2022



dos detalhes contraditórios, até conquistar-lhe um lugar entre as verdades aceitas. (FREUD, 1974, p. 25)

Essa citação, além de dizer sobre um novo sentido ao já dito, mostra, naquilo que consigo articular da sua leitura, um ato enunciativo do sujeito do inconsciente e um ato político e ético do sujeito do discurso.

Freud, além de instituir um novo discurso, é também um autor fundador de uma discursividade. Pêcheux (2002) chama a atenção, que a não repetição discursiva — da ordem de ideologia, que nos faz repetir, na ilusão, que somos senhores do nosso dizer — implica deslocamentos inconscientes que se faz às determinações sociais e históricas.

Aqui chamo a atenção para que, nós, analistas, façamos uma escuta do nosso tempo, nessas determinações sociais e históricas da nossa época e que são diferentes da época de Freud e Lacan. Pois que, se repetimos que a psicanálise sempre sofre resistência, sem fazermos uma escuta da particularidade do nosso tempo, não é uma forma de não considerar as diferenças?

A AD nos possibilita pensar que o sujeito no seu assujeitamento constitutivo, e sabe-se pela psicanálise que essa alienação é necessária à sua constituição, está constituído pelo inconsciente, na estrutura de uma linguagem e, por interpelações ideológicas, num ir e vir à moda de uma banda de *Moebius*.

Foucault (1997), Pêcheux (2002) e Orlandi (2001), cada um a seu modo (acontecimento, acaso, interpretação e transfiguração de ideias), pontuam que a emergência de um novo discurso, requer o rompimento com censuras vindas do



inconsciente e das determinações sócio-históricas e ideológicas. Considero oportuno marcar que o inconsciente escapa pelos entremeios e interditos, ele não é passível de ser capturado pelo sentido, possibilitando aí a emergência de um novo sentido, diante das repetições e dos já ditos dos discursos.

Identifiquei na minha investigação (CARPES, 2005) condições para o surgimento do DF da psicanálise, a saber: as marcas de judeidade em Freud — um lugar de exílio; o descentramento da racionalidade, como lugar de verdade do sujeito, pela invenção do inconsciente; os deslocamentos das memórias discursivas aos conhecimentos científicos, filosóficos e religiosos vigentes e a sua análise, com o endereçamento que faz nas suas cartas a Fliess, para uma escuta.

Assim, me parece importante sinalizar que, não se furtar em considerar o contexto da cultura vigente do nosso tempo, aliado ao saber do psicanalista, convoca-nos a não repetir os já ditos sobre a psicanálise. Quero dizer que tanto Freud (autor fundador da psicanálise) quanto Lacan (1973[1964]) — autor refundador da psicanálise, neste chamado retorno, em que, ao voltar ao ensino de Freud, faz uma torção no dito, enunciando um novo dizer — inovam quando, além de sua genialidade, valem-se dos conhecimentos científicos e dos saberes de outras áreas.

Aqui cabe lembrar que Freud cita a medicina, a psicologia, a história da civilização, a mitologia, a religião e a literatura, como áreas do conhecimento que precisam compor a formação analítica. Nas suas obras, encontramos também conhecimentos e química, física, filosofia, ciências sociais, entre outros. Lacan se utiliza do estruturalismo, da



antropologia, literatura, linguística, religião, medicina, psicologia.

Freud e Lacan, ao longo dos seus ensinamentos, trabalham contra a resistência dos psicanalistas em relação ao saber, à transmissão e ao campo de investigação psicanalítica, na criação de um lugar original para sua permanência a cada tempo. Advertem contra o perigo de construirmos uma formação pautada na identificação, no espelhamento ao estilo do mestre. É célebre entre nós a expressão de Lacan: “Façam como eu, não me imitem”. Ele fala e faz. Quando cita autores nos seus ensinamentos, incluindo Freud, não reproduz suas palavras. Lacan faz a sua leitura.

A partir destas reflexões, penso que o ato analítico não se faz por imitação, mas pela criação de um estilo; da mesma forma, não há formação do analista, mas formação de um analista, um por um, a cada ato, na escuta de um analisante. Um ofício artesanal.

Palavras de Freud em *A questão da Análise Leiga* (1980 [1926], p. 291):

Mas ponho ênfase na exigência de que ninguém deve praticar a análise se não tiver adquirido o direito de fazê-lo através de uma formação específica. Se essa pessoa é ou não médico, a mim me parece sem importância (p. 269). [...] Na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa.

O DF nos reporta à voz do psicanalista. Uma voz que ressoa, na fala e no corpo, no sentido e fora dele, mas que se estrutura na linguagem. Como hipótese, para que se refunde o discurso psicanalítico a cada tempo, o psicanalista precisa



dar voz ao seu saber e ao seu ofício, artesanalmente — uma vocalização manual.

Chamo Lacan (2007[1975-76]) à minha reflexão sobre o saber fazer ali com o *sinthome*. A grosso modo, pela limitação do tempo de exposição, entendo ser necessário que a escuta do psicanalista no seu tempo, nosso tempo de formações em graduações, dê-se mais em função dos graus de ações (gradu ações) nessa *faunética* dos sons, mais do que nos sentidos das palavras. Uma escuta nos graus de ações — nos encurtamentos dos tratamentos e das formações, como um sintoma atual. Dar voz à escuta desse sofrimento sintomático, naquilo que nos faz corpo ressoante, analista *sinthome* — considero que a psicanálise para o psicanalista é seu *sinthome*.

Proponho a dar escuta à *lalangue* das vozes que nos endereçam no *intra línguas*, o que do sofrimento se faz gozo. O desafio é criar um laço *sinthomático* daquilo que vem como sintoma. Como na graduação de psicanálise? Um sintoma do nosso tempo? O que criar com isso? Pois sabemos que proibir, censurar, reprimir, recalcar é uma espera para o seu retorno.

Vamos à análise leiga? Do latim *Laicus* como um significado de quem não recebeu ordens sacras, os serviçais dos conventos. Aquele que é estranho ou revela ignorância ou pouca familiaridade com determinado assunto.

Fazendo um retorno ao título e ao texto da Análise Leiga, a minha questão propositiva é que a psicanálise será sempre exercida por analistas leigos, independente da graduação em psicologia, medicina, engenharia... somos estranhos e doutos ignorantes ao nosso objeto de estudo. O inconsciente dos nossos analisantes e o nosso próprio é



uma cifra. A linguagem é meio-dita, e nessa seara, imponderavelmente *laicus-leigos*. E o nosso ofício, como ganha certificação?

Finalizo com uma passagem de Freud (1980 [1926], p. 283) em *A questão da Análise Leiga*: “Mas as coisas que realmente importam — as possibilidades na psicanálise de desenvolvimento interno — jamais poderão ser afetadas por regulamentos e proibições.”

Referências

CARPES, Maria Cristina. **Freud e a construção do discurso fundador da psicanálise**. 2005. 137f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1997.

FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico (1914). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga (1926). In: **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.



LACAN, J. **O seminário, livro 23:** o sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ORLANDI, Eni P. (Org.). **Discurso Fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. São Paulo: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.



DA LÍNGUA UNIVERSAL À GLOSSOLALIA: A VOZ AUTORAL DO PSICANALISTA

*Daide Chareun
Everton Michel Soccol*

A autorização do psicanalista e sua prática são questões que continuam perturbando não só a dimensão social na qual a psicanálise atua, mas também os próprios psicanalistas que estão às voltas com a autorização e a formação. Desde o surgimento da psicanálise, continuam aparecendo resistências e movimentos sociais que buscam transformá-la, limitando, regrando e burocratizando a sua prática. A partir do texto de Freud, *História do movimento psicanalítico*, já é possível formular uma visão do intenso movimento resistencial que a psicanálise pode gerar, questão com a qual Freud lidou durante toda sua caminhada de pai da psicanálise, tanto em relação aos efeitos produzidos na comunidade científica e social, quanto no próprio grupo por ele formado, a IPA¹.

¹ *International Psychoanalysis Association* – Associação Psicanalítica Internacional.



Atualmente, no Brasil, a resistência, embora tenha se apresentado com máscaras diferentes, continua surgindo com vigor. Temos presenciado o surgimento de projetos de lei que visam regulamentar a prática psicanalítica a cursos universitários em psicanálise reconhecidos pelo MEC, prometendo a formação com diploma. Analisando esses fenômenos, percebe-se que, para além das questões políticas e econômicas que continuam circulando independentemente do período histórico, a psicanálise é uma prática e teoria subversiva.

A psicanálise só pode existir de forma independente, bordeando as fronteiras que entrelaçam as diversas dimensões do corpo social. Assim, ela não pode ser englobada como subárea de saber de outras áreas que geralmente são legitimadas como únicas ciências possíveis para estudar e atuar no que diz respeito ao psiquismo humano, como: a medicina, a psicologia e a psiquiatria. Tampouco a formação do analista pode ser inserida nos moldes acadêmicos convencionais, em que a garantia do profissional é dada por rituais universais e pedaços de papel. O caráter contínuo de sua formação, ou seja, o fato de que o psicanalista está em constante autorização em sua prática, marca essa subversão em contraponto a um diploma escolar.

Freud (1919/1996) pensou a respeito do ensino da psicanálise no meio acadêmico quando escreveu o artigo intitulado *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*. Nesse texto, ele disserta a respeito da importância da teoria psicanalítica como suporte ao estudante de medicina em seus estudos de psiquiatria, sobretudo como amparo para a compreensão da teoria e dos fenômenos psíquicos. De todo modo,



faz ressalva de que a psicanálise tem método próprio e que é importante considerar que não se trata de aprender a psicanálise na universidade, mas, sim, de “[...] que ele [o estudante] aprenda algo *sobre* a psicanálise e que aprenda algo *a partir* da psicanálise” (FREUD, 1919, p. 189).

Com Lacan, a psicanálise volta a exalar seu frescor e sua potência. Em seu ensino, busca articular diálogos com outras áreas de conhecimento, retornando fielmente aos textos freudianos e operando cirurgicamente um corte na prática psicanalítica da época e uma costura com a psicanálise freudiana. Assim, Lacan (1969-1970/1992), ao introduzir os quatro discursos, pensa o discurso do psicanalista como uma modalidade discursiva que produz um laço social singular, que só pode existir na própria prática psicanalítica, na relação entre o analista e o analisante, marcada pela ética do desejo. Aqui está a mola propulsora do ato analítico, pois esse só pode acontecer na transferência, de forma única e se o analista sustentar seu desejo de que a análise ocorra, ocupando o lugar de vazio, semblante de objeto a.

Diante disso, propomos refletir sobre a questão enigmática do desejo do analista e sua autorização a partir do fenômeno da glossolalia, escutando essa manifestação singular da voz como metáfora para pensar a voz autoral do analista, voz que marca sua autorização. Uma língua singular que flerta com a língua universal e que bordeia o não sentido. Diante disso, levantamos as seguintes questões que serão as coordenadas desse trabalho: é possível pensar em uma língua universal para a prática psicanalítica? Que voz é essa que dá suporte ao lugar do analista? Qual é a sua relação com a glossolalia?



Partimos do pressuposto que, diferentemente das tentativas de burocratizar a psicanálise que buscam estabelecer uma língua universal que generalize a sua prática, o psicanalista só pode se sustentar no seu estilo singular. Assim, é com base nesse estilo que levantamos a hipótese de uma marca singular impressa na sua voz. Uma voz que não se reduz a fonemas que representam signos em uma língua, mas a um suporte pulsional que carrega as marcas sonoras do Outro, as quais, como tatuagens psíquicas no sujeito, formam a *lalangue*, a língua primordial do sujeito a partir da qual ele se estrutura e é inserido na linguagem. Uma língua muito mais próxima de um real que escapa ao sentido e à formalização sintática e gramatical da língua na cultura (MALISKA, 2010).

Em seu artigo *Glossolalia: polifonia e polirritmia vocal*, Maliska (2010, *apud* CERTEAU, 1980) vai olhar para a glossolalia como fenômeno vocal que produz uma língua não língua, uma língua que escapa à própria estrutura que possibilita o seu funcionamento como geradora e portadora de sentido. Nesse trabalho é apresentada a glossolalia fora do contexto religioso no qual geralmente é associada, articulando-a como parte de experiência primitiva do sujeito, na qual o *infans* é mergulhado na linguagem e apreende as marcas vocais do Outro, tatuando na própria voz esses sons singulares e se fazendo, por sua vez, sujeito.

Em primeiro lugar, é interessante pensar que, de acordo com Maliska (2010), a glossolalia, embora não seja uma língua com uma sintaxe ou gramática próprias, ela consegue veicular um sentido. Exemplo disso são os rituais religiosos de algumas comunidades africanas ou indígenas, nos quais os sons produzidos pelos sujeitos, marcados por uma



diversidade de ritmos e musicalidades, geram efeitos de transe. De certa forma, os sons veiculados pela voz pulsional carregam um sentido que não precisa ser nomeado ou que se encaixe nas regras gramaticais de uma língua. Mas um sentido gerado pelo ato, pelo corpo pulsional enlaçado ao desejo. Em última instância, a glossolalia é uma manifestação vocal sem enunciado, um dizer para nada comunicar, mas, justamente por não conter um sentido em si, possibilita que algo seja dito, e pelo fato de não ser ela corolário de sentido, permite que um significante se funde nessa via em que ela é veículo (MALISKA, 2010).

Mostra-se pertinente retomar o que Lacan observa em seu seminário *De um Outro ao outro* (1969-1970/2008), no qual ele aponta que a essência do discurso da psicanálise é um discurso sem fala. Ele aproxima o discurso do analista não às suas palavras propriamente ditas, mas dá destaque ao silêncio e ao que pode transmitir por meio de sua voz. Tal indicação permite refletir acerca da glossolalia como um fenômeno próprio da voz que vai além do simbólico da língua e da palavra. A fala do psicanalista, nessa ordem, deve ser compreendida mais pelos seus efeitos no real e menos pela sua significação no simbólico. Ou seja, conforme indica Maliska (2014), o psicanalista não deve engordar o sentido do sintoma ou ressignificar o que o sujeito apresenta, mas quebrar o gozo desse sentido. Aqui o autor retoma, a partir de Lacan, a noção de *forçage* para pensar em uma prática clínica em que o psicanalista promova uma violência na linguagem: “Isso marca uma intervenção na clave do *forçage*, ou seja, uma transliteração da letra, um fazer soar algo para além da palavra.” (MALISKA, 2014, p. 182).



Trata-se de quebrar o sentido aparente da cadeia significante que o analisante produz.

O *forçage* é aquilo que tenta quebrar, pela violência da linguagem, com o real da língua, a metáfora sintomática, e transformar o gozo fálico do sintoma em um gozo produtivo, um gozo da vida. O sintoma que foi produzido pela linguagem será quebrado na forja da linguagem (MALISKA, 2014, p. 189).

Ao mesmo tempo que o *forçage*, na proposição apresentada, pretende atravessar a metáfora presente no sintoma do analisante, assim também parece se dar a partir da glossolalia. A voz do analista aparece, e soa, para além dos limites que o simbólico comporta. Trata-se de uma possibilidade de escutar aquilo que está alhures, em outro registro, que não se materializa no simbólico. É uma aposta na superveniência do real, que na língua não se simboliza, mas não cessa de não se inscrever. A partir daí é que a glossolalia, e também o *forçage*, podem servir de quebra do simbólico.

Assim, uma vez que a fala glossolálica pode carregar um sentido, ela quebra o sentido. Isso na medida em que é uma fala que não produz uma cadeia significante e que não visa diretamente à significação. Esse aspecto é interessante quando articulado à experiência que a psicanálise busca evidenciar, ou seja, que a transmissão não se dá via palavra, havendo um desencontro constante entre o sujeito e o outro, mas via desejo, onde a “[...] ordem pulsional atravessa o sentido da língua para encontrar o sujeito na encruzilhada entre o corpo sonoro e a lei significante, [...]” (MALISKA, 2010, p. 251). Ou seja, é uma transmissão que escapa à significação e, pelo contrário, visa romper e furar o sentido. Ao mesmo tempo que o encontro analítico está vinculado à



palavra e é indispensável que o analista fale e dê um retorno que o sujeito possa simbolizar, o propósito último da análise é desmontar o sentido sintomático no qual o neurótico se aliena. Isso só é possível se a voz do analista em ato conseguir gerar efeitos que aproximem o outro ao real. Com isso, não queremos dizer que a fala do analista se reduz a uma fala glossolálica, marcada por balbucios e sons desconexos, mas que sua voz está necessariamente relacionada à posição que ele ocupa. Essa não é produto de um conjunto de regras universais, mas do seu saber fazer a cada ato analítico. Nesse sentido, a voz do analista pode ser pensada como um movimento muito mais glossolálico, que ressoa no corpo a partir de seu real sonoro, do que uma língua universal que visa à produção de significação.

Outro aspecto da glossolalia que pode ser articulado à experiência psicanalítica é a questão do semblante do objeto a , posição que o analista precisa ocupar para que a análise ocorra. Da mesma forma que a glossolalia não é uma língua propriamente dita, mas faz semblante de uma língua, o analista não é o objeto a , mas deve fazer semblante do objeto a , lugar do significante zero. Dessa forma, para que ele possa fazer semblante é indispensável que não ocupe esse lugar como sujeito, embora, em certa medida, seja impossível, mas se fazendo de objeto causa de desejo, para que o analisante possa entrar em transferência de trabalho analítico. Ao mesmo tempo, cair do lugar de analista significa entrar como sujeito na relação imaginária com o outro, arriscando a escuta da dimensão simbólica. Assim, sustentar esse lugar de semblante é possibilitar ao outro colocar em cena a própria subjetividade, manifestar-se sujeito, mola propulsora do ato



analítico. A questão enigmática que continua ficando sem resposta é: como fazer isso? Como sustentar o lugar de semblante? É aqui que convidamos a pensar na glossolalia, partindo das elaborações de Maliska (2010, *apud* CERTEAU, 1980), como fenômeno análogo à *lalangue*, noção apresentada por Lacan.

Tal como um *infans* tenta abrir seu caminho para a subjetividade a partir de seu laço com o Outro, fazendo uma montagem própria de sua voz, também o analista só pode se montar percorrendo um caminho único, onde, para além do código situado no Outro com o qual ele vai produzir um significado de si, é esperado que ele consiga suportar mais os efeitos do real, ou seja: que ele seja capaz de conduzir uma análise. Dessa forma, mesmo que a fala do analista se situe no código e esteja submetida às leis universais da linguagem, a utilização que se faz é outra. Nesse percurso de montagem, o único caminho que pode ser pensado como indispensável é a análise que o próprio sujeito candidato à psicanalista deve fazer. No entanto, a análise é um percurso sempre variado e singular, mais ainda, cada sessão é única e irrepetível. Por isso que a prática de análise não pode ser padronizada, pois para cada análise e para cada sessão serão necessárias novas invenções e apostas, tanto do lado do analista quanto do lado do analisante.

A nossa articulação não propõe pensar em uma psicanálise glossolálica promotora de novos sentidos ou em um analista glossolálico, o qual teria a faculdade de dizer e significar por meio de sua voz. Ao contrário, propõe-se pensar a autorização do psicanalista a partir da noção de manifestação vocal da glossolalia como fenômeno que resulta na assunção da singularidade do sujeito. A voz do analista como presença e ato



que viabiliza a escuta e a associação livre do analisante e que possa servir de suporte para que algo do desejo dele advenha. A voz do analista como um veículo para uma transmissão possível. Pois enquanto voz, ela não escapa às marcas pulsionais e psíquicas do Outro. Dessa forma, a ideia de pensar em uma voz que emita uma fala universal e padronizada, não só é impossível no que diz respeito aos elementos concretos que compõem a musicalidade e a cadência vocal, mas também na forma como o sujeito se utiliza e atua com a voz. Em última instância, consideramos a voz como assinatura da subjetividade. Assim, parece equivocado normatizar a prática psicanalítica, enquanto que a dimensão que a alimenta é a singularidade.

A partir disso, pensando no aforisma lacaniano: “o analista só se autoriza de si mesmo” (LACAN, 1967/2013, p. 248, tradução nossa), que posteriormente será acrescido “e de alguns outros” (LACAN, 1973/1974, p. 187), é interessante escutar o “se autoriza de si mesmo” como o ato contínuo de um sujeito autor que se autoriza. Assim, o analista se autoriza durante um caminho singular de apreensão e reprodução desse lugar que o define na análise e que ao mesmo tempo lhe escapa, o qual precisa ser marcado por seu estilo único, por sua voz autoral que pode convidar o outro a um encontro indizível com o real.

Concluimos defendendo que a prática do analista não pode ser configurada como uma língua universal, que não pode ser apreendida segundo uma metodologia predefinida e reconhecida por órgãos burocráticos de cunho educacional e político. Acreditamos também que a prática do analista não admite regulamentação a partir da lei estatal, tendo em



vista que a norma jurídica não dá conta da singularidade do desejo e que a associação livre é a regra que serve de base ao trabalho da psicanálise. Nessa ordem, a autorização do analista só pode se dar a por um caminho singular, muito mais próximo e pertinente a uma fala glossolálica que foge do sentido e se aproxima do real.

Por isso que não existe um manual eficaz que possa fornecer as diretrizes ao analista em seu percurso de formação, pois só ele pode abrir, com muito desejo, sua trilha pela mata desconhecida do inconsciente.

Referências

FREUD, Sigmund. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. **Obras psicológicas completas**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1919 [1996]. V. XVII.

LACAN, Jaques. (1967) Proposta del 9 ottobre 1967 sullo psicanalista della scuola. In: **Altri scritti**. Torino: Giulio Einaudi editore, 2013.

LACAN, Jaques. (1969-1970) **O seminário, livro 16**: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jaques. (1969-1970) **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jaques. (1973-1974). **O seminário, livro 21**: Les non-dupes errent. Paris, FR: AFI. Recuperado de: <http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-Les-non-dupes-errent-19731974,249?lang=fr>



MALISKA, Maurício. Glossolalia: polifonia e polirritmia vocal. *In: Linguagens*. Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 4, n. 2, p. 248 - 257, mai./ago., 2010.

MALISKA, Maurício. Da condensação freudiana ao *forçage/chiffonage* lacaniano: o transbordamento da metáfora na teoria psicanalítica. *In: Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 33, p. 163-188, jan./jun., 2014.



TORNA-SE PSICANALISTA?

Laiana Cardoso

Nathalia do Nascimento Clemencia

Quando se fala em formação em uma análise, o tempo parece estar vinculado ao tema, seja o tempo dentro de uma universidade, de uma escola. O tempo aparece desde sempre como inquietação da humanidade, com a necessidade de controle deste, calcula-se e organiza-se em calendários, figurando no tempo cronológico.

Assim como

[...] na literatura, na filosofia e nas artes [...], a psicanálise o tomou como ponto central: sua teoria e seu método desenrolam-se sobre a plasticidade da memória, a persistência do infantil na vida adulta, a luta contra a repetição assombrosa do passado, a lógica do ato que demarca um ‘antes’ e um ‘depois’, e a angústia diante da finitude (TEPERMAN, 2021, p. 14).

Na análise, a noção de tempo não é cronológica, pois não é o tempo que apreende o inconsciente, este é atemporal.

Quando se torna psicanalista? Não é o tempo que determinará. Harari (2008, p. 140) escreve que “[...] um analista não se produz seguindo e aprovando seus cursos na universidade, senão deitado no divã de seu analista [...]”, o



que indica que é reinventada no um a um, afastando-se desse saber absoluto ofertado por um mestre que distribui diplomas a todos com as mesmas condições. Diferenciando-se do ensino, a transmissão em psicanálise se dá pela transferência e por seus pares (cartéis) para além da solidão do consultório e não sem a angústia que esse saber impossível propicia, saber aqui diferente do conhecimento, este último, é preciso de algum.

A formação do analista, desde Freud, é firmada na análise pessoal, na prática analítica e na supervisão, subvertendo a questão do tempo cronológico e do ensino tradicional e estabelecendo a transferência como parte da transmissão em Psicanálise. Lacan aponta que o analista se autoriza por si mesmo¹ e por alguns outros², e que as únicas formações são as do inconsciente, colocando a questão da formação “no campo ético, não mais, no técnico [...] e certamente — o analista — deverá, entre outras coisas, dispor de um saber, mas muito mais decisivo é a questão de que lugar esse saber ocupa na sua prática a respeito de sua ignorância” (SAFOUAN, 1985, p. 7), de modo a romper com a lógica de que há um saber padrão aplicado por um especialista, subvertendo um modelo ideal que garanta totalidade do saber através do tempo ou de um saber científico, formativo.

Uma análise só pode ser precisada no tempo em termos de sua abertura, como irá se deslançar é como num jogo de xadrez, elaborar o que foi inscrito na sua constituição subjetiva, irá depender como as peças são movidas. Lacan

¹ Proposição de 9 de outubro de 1967.

² Seminário 21.



pontua que “[...] deveríamos comparar todo o desenrolar de uma análise ao jogo de xadrez. Porque o que há de mais bonito e mais chamativo no jogo de xadrez é que cada peça é um elemento signifiante e pode-se, em última instância, descrever uma análise da mesma forma [...]”. (LACAN, 1958-1959/2016, p. 224). Freud recomenda aos psicanalistas: “[...] conter todas as influências conscientes da sua capacidade de prestar atenção e abandonar-se inteiramente à memória inconsciente. [...] Simplesmente escutar e não se preocupar se está lembrando de alguma coisa [...]” (FREUD, 1996, p. 126). De certa forma, pode-se ter o ímpeto do exercício do poder, prática herdeira de uma clínica médica. E como não recuar a esse lugar, mas do mesmo modo o recusar?

O sujeito concede ao analista a indicação de algum saber, um saber outro, não é um saber dado pelo psicólogo nem pelo médico, como Freud indica na questão da análise leiga (1926). O analista deve possibilitar o vazio, e não há muitas esperanças de preenchimento ou completude, o vazio é uma falta também necessária na formação do analista. Assim, pode-se pensar que o analista, pela experiência de sua própria análise, adquire tanto uma nova forma de lidar com seu inconsciente quanto um saber reconhecer a sua falta, autorizando-se ao seu desejo, o desejo do analista, haja vista que “[...] a formação do analista concerne ao real em jogo na experiência da análise, [...] a articulação da transmissão do Real e abre espaço para os fracassos (MASCARELLO, 2011, p. 7)”, e se haverá ou não psicanalista; ele se produzirá na própria experiência da sua análise: advertindo-se dos seus acometimentos sintomáticos e sofrimento neurótico, mudando sua posição subjetiva para analista.



O que faz de alguém analista? Avisa-se: não é o desejo de ser psicanalista. O desejo é inerente a essa condição, uma função sem personalidade, sem o *querer* do Eu. O conceito cunhado por Lacan (*Seminário 11*), *desejo do analista*, é distinto do desejo comum, que é o desejo do Outro, desejo de ser desejado. O desejo do analista é outra coisa —desejo causa de análise, que o analisante venha à sessão para falar, é o desejo de que a análise ocorra — “[...] tomado como causa de desejo, o analista responde de um lugar que é, por definição, um lugar ético” (JÚNIOR, 2007, p. 192). O analista não é senão uma função que entra e sai de cena. Harari (2008, p. 137) afirma que “[...] não há psicanalista pronto e terminado de uma vez e para sempre [...]”; com isso, entende-se que não se trata de uma identidade, as voltas não são conclusivas³, o analista não é mestre, é resto⁴.

O que é preciso para que a formação aconteça? Torna-se analista? A formação do psicanalista, assim como em uma análise e suas ressignificações, parece ser um constante construir e esvaziar de sentidos. São questões reiteradamente relançadas — *estão em movimento* — é vinculada ao um a um, da experiência analítica e suas formações inconscientes, não respondendo ao tempo cronológico ou da ciência formativa, cada sujeito vai perpassar de forma particular nesse contínuo caminho frente à falta. Parece mais uma questão de estar e não de ser. Torna-se analista? Talvez tal resposta esteja condicionada sempre ao *a posteriori*, em seu efeito.

³ Referência à contrapsicanálise.

⁴ Referência aos quatro discursos.



Referências

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. [1912] In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **A questão da análise leiga**: conversa com uma pessoa imparcial. [1926] Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HARARI, Roberto. **Psicanalista o que é isso?** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

JUNIOR, Moisés de Andrade. **O desejo em questão**: ética da psicanálise e desejo do analista. *Psyche* (Sao Paulo), São Paulo, v. 11, n. 21, p. 183-196, dez. 2007 . Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200013&lng=pt&nrm=iso > . Acesso em: 04 ago. 2022.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 6**: O Desejo e sua Interpretação (1901-1981). l. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

MASCARELLO, Tânia Vanessa Nöthen. **Formação do analista em debate**. Caderno nº 5. Maiêutica Instituição Psicanalítica. Florianópolis, 2011.

SAFOUAN, Moustapha. **Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas**. Trad. de Leda Mariza Vieira Fischer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

TEPERMAN, Daniela. GARRAFA, Thais. IACONELLI, Vera. **Tempo** (Coleção Parentalidade). Belo Horizonte: Autêntica, 2021.



A FORMAÇÃO E A ÉTICA DO ANALISTA: (IM)POSSIBILIDADES EM FREUD E LACAN

*Vitória de Oliveira de Souza
Caroline Castagnetti Felizardo*

“Agiste conforme o desejo
que te habita?”
(LACAN, 2017, p. 376)

A fim de introduzir as questões da formação do analista, nos reportamos ao texto *Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise* (1912), que, como indicado no título, sugere que um médico pode exercer a psicanálise. Dentre esses ditames, Freud reúne recomendações da sua própria experiência como psicanalista, que passam pela questão da formação e da regra fundamental da psicanálise: a associação livre. Enfatiza pontualmente questões éticas da psicanálise e demonstra o caminhar de uma pesquisa psicanalítica e de sua prática.

Já no texto *A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial* (1926), o autor mostra como um leigo, ou seja, um não-médico, pode praticar a função de analista; discorre de forma mais detalhada sobre a formação e separa, de forma substancial, a psicanálise da medicina ou da psicologia, relegando a ela seu próprio campo.



Por mais que os textos sejam endereçados para públicos diferentes e façam percursos diferentes, ambos convergem quanto à tese em questão, a saber, a formação do analista, quem pode ou não exercer a psicanálise e como se dá a formação e o trabalho do analista.

Buscaremos, então, em um diálogo com Freud e Lacan, costurar pistas que auxiliem as reflexões sobre essa questão.

Quem pode analisar?

Seguindo a pista deixada por Freud em *A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial* (1926), voltamo-nos para a reflexão sobre quem são os que podem exercer a psicanálise. O autor evidencia que os psicanalistas não-médicos eram filósofos, educadores ou pessoas com uma experiência de vida marcante; frisa que haviam também se submetido à própria análise, enfatizando essa importante questão.

Incluo entre os muitos méritos da escola psicanalítica de Zurique ter reforçado essa condição e tê-la fixado na exigência de que todo indivíduo que queira efetuar análise em outros deve primeiramente submeter-se ele próprio a uma análise com um especialista (FREUD, [1912] 2010, p. 117).

Desde a formalização da psicanálise, Freud reitera a importância da análise pessoal, colocando-a como uma experiência de “purificação” de determinados conteúdos que



possam ser apreensivos aos analistas. Isso que se intitula como *tripe*¹, tem uma função formativa importante.

Conteúdos da formação do psicanalista

Ainda em *A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial*, Freud (1926) nos convida a pensar que o conteúdo teórico de uma formação analítica deveria ser complexo e interdisciplinar, envolvendo diferentes saberes, como história, mitologia, psicologia e literatura. Ou seja, nos explicita que, além da análise pessoal, cabe aos analistas um conhecimento robusto diante das questões sócio-históricas que compõem os diferentes campos citados.

Lacan, em seu retorno a Freud no texto intitulado *A coisa freudiana*, reitera-nos a necessidade da composição desses saberes na formação dos analistas, apontando-nos que as instituições negligenciam essa recomendação feita por Freud. Acrescenta ainda que se inclua a linguística e a matemática “[...] para que uma nova geração de clínicas e pesquisadores resgate o sentido da experiência freudiana e seu motor [...]” (LACAN, 2020, [1995], p. 436). Ele se liga a Freud no sentido de um retorno ao enriquecimento fornecido pela obra freudiana e seu legado, criticando o papel reducionista das instituições.

¹ Análise pessoal, formação continuada e supervisão.



Mas então, o que sabe o psicanalista?

“A questão do saber do psicanalista não é, em absoluto, de saber se isso se articula ou não, mas de saber em que lugar é preciso estar para sustentá-lo” (LACAN, 2011, p. 36).

Diante das formulações teóricas apresentadas por Freud, que foram retomadas e ampliadas por Lacan, a pergunta que fica é: o que sabe o analista? Não devemos confundir o saber com o conhecimento teórico que se funda a partir da psicanálise. Assim, concordando com Freud, o saber psicanalítico não se transmite com facilidade, suas dificuldades são ligadas inerentemente às relações de poder e resistência, subjetivas e coletivas.

Em *Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise*, Freud (1912) nos atenta para um dos problemas que podem ocorrer em uma análise: “[...] corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos [...]” (2010, p. 113). Ou seja, o analista corre o risco de inclinar-se naquilo que lhe é sabido, não trabalhando de forma plena com as questões cujos significados podem vir no só-depois. Esse cuidado enfatizado por Freud nos coloca ainda mais a questão de que o saber do analista não deve se sobrepor àquilo que é articulado com os conteúdos que emergem na situação analítica.

Para falar do saber, Lacan recorre ao que diz ser revolucionário em Freud, pôr em questão o saber, de forma



subversiva: “O saber não-sabido de que se trata na psicanálise é um saber que efetivamente se articula, que é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 2011, p. 23). Ao desvelar que o inconsciente tem um saber, Freud (des)centra o sujeito da razão e dá ao saber um novo estatuto, e é precisamente desse lugar de que se ocupa o psicanalista.

No que o psicanalista opera? Ou: o desejo do analista em questão

Lacan ([1958] 2020, p. 621) integra aquilo que chama de “conquistas freudianas sobre o desejo”, o que nomeará de desejo do analista, de maneira que tomar o desejo ao pé da letra é sua missão. Tal desejo implica uma noção radical, do analista como causa do desejo do analisando, do analista desassujeitado, mantendo-se em hiato para que o sujeito do inconsciente tome a cena.

Em Freud (1912), nas *Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise*, temos uma passagem que dialoga com isso que Lacan (2010, p. 119) retoma: “O médico deve ser opaco para o analisando, e, tal como um espelho, não mostrar senão o que lhe é mostrado”.

O operador construído por Lacan intitulado “o desejo do analista”, retomado no *Seminário 11*, diz que “o desejo do analista não é um desejo puro, é um desejo de obter a diferença absoluta [...]” ([1986] 2008, p. 267). É a partir dessa formulação que Lacan formaliza a função do analista, caminhando naquilo que ele demonstra que Freud fez, ao expor em seus casos clínicos a mola mestra da transferência,



que opera com o analista na posição de devida opacidade, a fim de que o sujeito atualize suas questões diante dele.

À guisa de concluir

Muito embora a psicanálise não seja dependente das universidades e espaços formativos convencionais, existem caminhos delimitados e passos a serem seguidos no percurso de formação do analista. Contudo, não há uma burocratização, um papel ou uma ementa que garanta precisamente esse ensino. Há uma formalização necessária, que está transversalmente colocada nos textos de Freud e de Lacan. Os dois autores nos apontam teorizações e direções dos conhecimentos a serem percorridos, diante da construção de um analista. Portanto, considerando essas recomendações, não há um itinerário correto que o analista pode seguir de forma linear, mas, sim, um suporte à singularidade que emergirá diante da análise pessoal e que atravessará também o fazer e o saber do analista.

Referências

FREUD, Sigmund. (1926) *A questão da análise leiga*. In: **Obras completas volume 17**: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926 1929). Companhia das Letras. São Paulo, 2014.

FREUD, Sigmund. (1912) *Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise*. In: **Obras completas volume 10**: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre



técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. A coisa freudiana. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2020.

LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In: Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LACAN, Jacques. Saber, ignorância, verdade e gozo. *In: Estou falando com as paredes: Conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. **O Seminário**. livro 11: Os quatro conceitos fundamentais para a psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.



(DE) FORMAÇÃO

Ana Paula Mazzuco

É de ano em ano
Que o *Enlace Freudiano* promove uma reunião.
Grupos se enlaçam
A fim de uma constante formação.
Alguns textos já estudados serão citados:
Em *Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana*,
Comprendemos que o próprio sujeito se engana.
Em *Além do Princípio de Prazer*,
Freud nos desafia a escutar o sujeito para além do adoecer.
Já em *Inibição, sintoma e angústia*,
Nos faz compreender o funcionamento da clínica das
neuroses,
Colocando em outro patamar o entendimento sobre as
perversões e as psicoses.
Este ano *A formação do analista* é o tema escolhido.
Um título instigante e que não deve ser esquecido.
A preocupação em estudar a teoria faz parte da nossa
formação,
Mas não é só isso que sustenta um profissional,
Pois a tríade: supervisão, análise e estudos é um conjunto
essencial.
Estamos estudando e produzindo com os pares.
Em nosso meio damos a isso o nome de “Enlace”.
O texto *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades*



Nos revela que foi importante para a Psicanálise se expandir naquele momento, pois foi reconhecida como um campo do conhecimento.

Já no texto *A questão da análise leiga*,

Houve a tentativa de esclarecer a um interlocutor o funcionamento do método, questionando se a Psicanálise precisaria ser exercida somente por médicos.

O percurso dos estudos tem como base as leituras sobre Freud. Os conceitos que envolvem a histeria são indispensáveis

Para explicar as outras neuroses.

A repressão tem como fundamento

O fato de que toda neurose se baseia em um conteúdo sexual.

O discurso acima mencionado

Foi o início de um trabalho formalizado

Que ajudou Freud a fundamentar, em última análise,

O que viria a ser a Psicanálise.

O deslizamento da escuta médica para analista fez Freud se deformar, pois precisou investigar.

Essa troca de posição foi um risco,

Pois aí já se tratava de lidar com o seu próprio narcisismo.

Sair da posição do amado para ser o amante

É sofrer deformação,

Pois o manejo exige muita investigação...E, às vezes, por que não uma intervenção?

Formar o inconsciente do analista para analisar

Não é simplificar o método,

Porque o sujeito fala livremente, associando aos seus afetos.

Vou ser cirúrgica em dizer que... É preciso estudar o sujeito do inconsciente, se deformar emprestando o seu ser,



Compreender sem se envolver.
Acolher demanda sem atendê-la,
Pois é assim que a análise se apresenta
Caso contrário, não se sustenta.
Aquele que escuta sem ceder ao desejo é o analista.
No entanto, não cabe reduzir o sujeito a situações imediatistas.
O sujeito do inconsciente não é um fantoche cultural.
O aparelho psíquico filtra os significantes,
Experienciando o processo individual.
O sujeito se aliena à cultura do desejo dos ditos parentais
Que interpretam os modelos culturais.
Ele não é só um alienado ao Outro,
É um efeito de separação.
Eis aí o processo de subjetivação!
É necessário estudar a partir da teoria fundamental da formação:
Inconsciente, transferência, repetição e pulsão.
Estudar a partir da estrutura que sustenta todo um edifício,
Fica subentendido de que se trata o nosso ofício.
É! E pensar que Freud poderia ter sido um simples neurologista!
A manifestação do sofrimento talvez seria questionada de maneira simplista. E Lacan não seria um psicanalista.
Agora serei breve...
A escrita é um laço que nos instiga a questionar
Sem simplificar que...
A formação que se demonstra atemporal está sendo questionada atualmente, mas é preciso falar de tempo lógico em uma formação que trata do inconsciente!



O autorizar por si mesmo vai perdendo a clareza, ganhando aos poucos o *status* de certeza.

A certeza que nunca temos tem desdobramentos. E assim... damos abertura aos questionamentos.

Autores(as)

Adriana de Oliveira Limas Cardozo

Cursou Psicologia (1993-1998) na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Psicóloga clínica, com Mestrado (2001-2006) e Doutorado (2010-2014) em Ciências da Linguagem, tendo ainda realizado um estágio doutoral na Universidade Paris VII (2012-2013). Formação permanente em Psicanálise, desenvolvendo atividades formativas na Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Florianópolis, entre 2000 e 2012 (cartéis, grupos de estudos e participação como ouvinte em jornadas), e na Maiêutica Florianópolis, entre 2015 e 2017 (cartel e participação como ouvinte em jornadas). Membro da Associação Movimento Psicanalítico Sul Catarinense, desde sua fundação em 2017. Professora da Universidade do Sul de Santa Catarina desde 2000, atuando na Unidade Curricular de Psicanálise e como supervisora clínica. Atualmente, realiza Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, com participação no grupo de pesquisa Psicanálise e Linguagem, sob orientação e coordenação do professor Maurício Eugênio Maliska.

Ana Paula Mazzuco

Reside em Tubarão-SC, cidade onde nasceu em 17 de maio 1989. Graduada em Psicologia (2017) pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Psicanalista em formação, membro da Associação Movimento Psicanalítico Sul Catarinense (AMPSC). Circula em grupos de estudos que se propõem a estudar psicanálise na linha formativa freudolacaniana. Gosta de escrever e articular poesia e psicanálise.

Caroline Castagnetti Felizardo

Mestranda em Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina e professora de filosofia. Pesquisadora nos temas de filosofia e psicanálise.

Davide Chareun

Psicanalista, mestre em Ciências da Linguagem, especialista em Psicanálise e dispositivos clínicos contemporâneos, membro da Associação Psicanalítica de Itajaí (API), membro do Grupo de Pesquisa Psicanálise e Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) e do Cercle de Recherche International Voix-Analyse (CRIVA).

Everton Michel Soccol

Advogado graduado pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), com período de estudos na Université Grenoble-Alpes, França. Atuante nas áreas do Direito de Família e Empresarial em Florianópolis, SC. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina. Adjunto de Maiêutica Florianópolis — Instituição Psicanalítica. Membro do Cercle de Recherche International Voix-Analyse (CRIVA).

Laiana Cardoso

Psicóloga de formação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Fez complementação em Avaliação Psicológica (Psicossocial) pelo Núcleo Médico Psicológico (NMP, Brasil). Atua, principalmente, na psicologia clínica com enfoque psicanalítico, desde 2018, com jovens e adultos.

Marco Antonio Coutinho Jorge

Professor associado do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), procientista da UERJ. Médico psiquiatra. Doutor em Comunicação e Cultura.

Psicanalista fundador e diretor do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Membro da Associação de Psicanálise Insistance (Paris/Bruxelas). Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris). Membro da Associação Psiquiátrica do Estado do Rio de Janeiro. Membro da Associação Brasileira de Psiquiatria.

Maria Cristina Carpes

Graduação em Psicologia pela PUC-RS e Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Formação em Psicanálise pelo CEP de PA. Mestre e doutora em Ciências da Linguagem (Unisul). Fundadora do Percurso Psicanalítico — Criciúma e Enlace Freudiano: Trabalho e Transmissão. Suas produções e pesquisas versam sobre a constituição do sujeito, pulsão invocante e topologia lacaniana. Atua há mais de 40 anos na clínica psicanalítica.

Maurício Eugênio Maliska

Psicanalista, membro de Maiêutica Florianópolis — Instituição Psicanalítica. Mestre e doutor em Linguística, com estágio doutoral na Université Paris 7, doutor em Psicologia pela UFSC. Pós-doutorado em Psicanálise pela Université Côté d'Azur (Nice-França). Professor de psicanálise no curso de graduação em Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Membro e vice-presidente do Cercle de Recherche International Voix-Analyse (CRIVA). Membro honorário de Lapsus de Toledo — Espanha.

Nathalia do Nascimento Clemencia

Psicóloga pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Especialista em Saúde pelo Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde (RIMS) da Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC). Formação em Tanatologia e Intervenção em Perdas e Luto pelo Instituto Fratelli. Curso em Psicanálise.

Vitória de Oliveira de Souza

Psicóloga (CRP 12/19135), professora no curso de psicologia do Centro Universitário — Univinte. Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial, especialista em Filosofia e Psicanálise: Teoria, Clínica e Cultura. Atualmente, pesquisa processos de subjetivação e trabalho no encarceramento de mulheres na sua pesquisa de mestrado junto ao Programa de Desenvolvimento Socioeconômico (Unesc).

Este livro é fruto do
Enlace Freudiano:
trabalho e transmissão,
mais especificamente do
IV Encontro do Enlace
Freudiano, intitulado
A formação do psicanalista:
(des)enlaces no nosso tempo,
que foi realizado no dia 6
de agosto de 2022, de forma
online, com a presença das
instituições convocantes desse
movimento, dos colegas
pertencentes a essas instituições
e, principalmente, do
psicanalista Marco Antonio
Coutinho Jorge, que na ocasião
fez a conferência de abertura.

Organização:



Percurso Psicanalítico
Criciúma - Brasil



GRUPO DE PESQUISA
PSICANÁLISE
E LINGUAGEM



Programa de Pós-graduação
em Ciências da Linguagem